

Director, editor e proprietário
António Dias Pinto de Castro
Redacção e Administração:
Rua da Rainha, 56-A
Telef. 4515

Notícias de Guimarães

FUNDADO EM 1932

Composição e impressão
TIP. IDEAL
Telef. 4581
—
VISADO PELA CENSURA
— AVENÇA —

Em defesa do Património Artístico de Guimarães

Dr. Hugo de Almeida.

A ansia de modernização, de urbanismo que impera na hora presente está a despojar muitas cidades das suas características próprias e inconfundíveis, para as reduzir a um padrão comum, sem qualquer interesse turístico ou histórico. Guimarães pertence ao número, já bem reduzido, das cidades portuguesas que ainda conservam no tipismo das suas ruas todo o sortilégio do seu passado. Manter esse «cunho sui generis», preservá-lo de todas as tentativas de transformação e valorizá-lo, como prece-

niza o nosso distinto conterrâneo A. L. de Carvalho, constitui dever imperioso de todos aqueles que a este velho burgo consagram uma afeição sentida e inteligente.

Ainda há poucos dias o crítico de arte Armando Lucena evocava a fisionomia da nossa vetusta cidade no «Diário de Notícias», personificada no perfil do Castelo e ainda no tipo particular dos seus edifícios.

A euforia de renovação urbanística está a subverter as particularidades que dão lustre e relevo a muitas cidades, para as tornar «fisionomicamente iguais».

A par de Guimarães, Coimbra, Évora, Tomar e ainda alguns trechos citadinos de Lisboa, conservam ainda no tipismo das suas ruas o sabor das eras passadas, «onde rescende ainda a fragrância subtil da vida lendária doutros tempos, agora em risco de evolar-se entre a massa dominante das correntes actuais», na expressão daquele crítico de arte.

Não podemos consentir que em nome do urbanismo se destrua a fonte de tradições e de belezas das nossas velhas ruas medievais, encanto e deslumbramento de todos os que nos visitam. São essas particularidades que constituem a atracção dos turistas.

O progresso de Guimarães tem de desenhar-se para além dos limites do velho burgo, pois tudo o que está situado dentro deles é património sagrado, evocador de épocas nimbadas pelo fulgor da história.

Já que tivemos a ventura de chegar a esta altura com tantos trechos da nossa cidade ainda nas suas linhas típicas, em contraste com a maior parte das terras de Portugal, onde o camartelo municipal tudo nivelou segundo «o padrão utilitário», tenhamos agora o bom senso de manter e defender todo esse tesouro de tradições, impedindo que a nossa cidade se torne igual às outras, «afogando na onda do progresso» a sua idiossincrasia.

Guimarães requer, mais do que qualquer outra cidade, visto ser um alfobre de riquezas artísticas, uma Comissão de Estética em permanente actuação, tão numerosos e delicados são os problemas sobre que deve pronunciar-se.

Porém, ironia do destino, essa Comissão, imposta pelo Código Administrativo, ninguém a enxerga nem dá sinais de vida, como se Guimarães fosse uma terra vulgar, onde se possam cometer no seu património artístico quantas afrontas os particulares, sem gosto nem bom senso, lhes aprouver.

Guimarães merece o sacrifício dos membros dessa Comissão, sob pena do seu apregoado amor e dedicação a esta cidade não passar de uma afirmação vasia de sentido.

O ÚLTIMO PEDIDO

*Eu quisera o meu fim num dia de verão
Todo de sol em oiro a polvilhar-me o leito...
Que em antes de parar meu velho coração
Ele beijasse o sol na urna de meu peito...*

*Quando meu corpo for metido no caixão,
Deixai que o sol me renda o derradeiro preito:
Que aqueça num sorriso a minha podridão
Que a terra sumirá no ventre insatisfeito...*

*Os velhos querem sol. O sol é a grande esmola
Que Deus sempre nos dá... E' o lume que consola
A triste aluvião dos desgraçados nus...*

*Em antes que eu expire abri todas aquelas
Portas de minha casa e todas as janelas:
Será meu Sacramento o esplendor da Luz...*

Janeiro de 1958.

DELFINO DE GUIMARÃES.

O BÉBÉ DA SORTE

recebeu no domingo a água lustral



Durante a sessão solene, o interessante bebé ao colo de sua mãe

Foi simplesmente enternecedora a festa que no domingo se realizou, aqui a dois passos, na populosa freguesia de S. João de Ponte, para a entrega do enxoval ao bebé que ali nasceu à meia noite do dia 24 de Dezembro e que por essa razão foi escolhido, por simpática e feliz iniciativa da importante Revista *O Mundo*, de Lisboa, para o Bébé do Natal; o qual, nesse mesmo domingo, um dia radiante, de sol esplendoroso, recebera numa cerimónia que foi soleníssima, a água do baptismo e teve por pa-

drinhos o Escritor Gentil Marques, director da revista em referência, que de Lisboa se deslocou, propostadamente e acompanhado de sua Esposa, a distinta Escritora Senhora Dona Mariaia Gentil Marques e de outros Colaboradores da Revista, para aquele fim; e a Senhora D. Arlinda Carvalho Araújo Almeida.

Foi a distinta Embaixada Lisboeta recebida na Câmara Municipal, no gabinete da Presidência, onde o ilustre Vereador da Cultura, Sr. Dr. J. Catanas Diogo, lhe apre-

COCKTAIL

Por AURORA JARDIM

RESPOSTAS

R. L. — «Combinados» que pode apresentar na ceia volante: salchicha com ovo estrelado sobre fatia de pão de forma com manteiga ou mostarda — Ovo frito com paio e queijo sobre uma torrada com manteiga — omelete de mariscos sobre pimentos morrones — Bifinho com rodela de ovo cozido sobre pão frito em manteiga — Meia sanduíche com pasta de fígado, tomate e azeitona sem caroço.

Inquieta — Para conservar os olhos limpos e brilhantes há no Brasil, um preparado chamado Lavalho. A irritação desaparece logo. Veja se encontra cá, nas farmácias. — Para a casa de banho arranjar o moderno soa-lho termoplástico. — Deixe-o pensar — daqui até os homens poderem ir à Lua... ainda há-de passar muita água por baixo das pontes...

Gémeo — Foi Papini que escreveu a seguinte frase: Onde há amor, há esperança de salvação.

M.^{me} X — A «Air-France» dispõe de uma «brigada de calor» que resolveu a forma de fazer o seu serviço astronómico — Paris-Londres — chamado «l'Épicurien». Levam para bordo tantos recipientes caloríferos quantos os passageiros.

FOI VER O SOL AOS QUADRADINHOS

Tudo com medo à gripe. Disseram-lhe que o álcool a evita.

E, como o remédio lhe não desagradava, antes pelo contrário, usou e abusou.

Por isso foi parar à cadeia.

Então, agora, metem na prisão os pré-asiáticos?

Sim; quando acontece o que lhe sucedeu a ele: bebeu demais... foi contra um poste... injuriou um polícia...

Resultado: durante uns dias ficou no xadrez a ver o sol aos quadradinhos...

FINAL

No Brasil, o slogan hoje é: Não há-de ser nada.

Quando estiver aborrecido, diga esta frase dez vezes.

Ficará melhor.

Portugal visto por um estrangeiro

Pelo Dr. Raymond Rué.

(Especial para o «Notícias de Guimarães»)

Todos os anos o Rotary Clube de Toulouse escolhe um estudante universitário para visitar Portugal, aprender a língua e a civilização Portuguesas e também para estabelecer entre os dois povos fortes laços de amizade.

Estudante de Português desde há dois anos na Faculdade de Letras de Toulouse, eu tive no mês de Julho de 1957 o grande prazer de obter esta bolsa que me proporcionava o desejo de visitar Portugal. Portanto, eu ia conhecer esse país de que tanto nos falavam os nossos professores e os nossos amigos que já lá tinham ido. Ia estar em contacto com essa nação lusitana que fica tão perto da França, mais ainda no ponto de vista espiritual e sentimental que propriamente no geográfico.

Esta perspectiva dava-me uma sincera satisfação. Mas, por outro lado, esta escolha verificava-se num período particularmente feliz da minha existência, pois acabava de me casar. Então foi com um duplo motivo de felicidade que, com a minha mulher, apanhei o comboio no dia 21 de Julho de 1957, indo passar em Portugal a minha viagem de núpcias.

Nesta época de importante turismo, parece-me que pode ser interessante para os Portugueses conhecer a opinião que tem um estrangeiro acerca do seu país. A minha intenção é entregar ao leitor de «Notícias de Guimarães» as minhas impressões sobre a natureza e sobre a vida e carácter Portugueses como nos apareceram. Mas antes disso, eu quisera apresentar rapidamente o nosso itinerário e citar as cidades por onde passámos para que o leitor saiba de onde provêm as nossas impressões; façamos também em homenagem às delegações do Rotary Clube que tiveram a amabilidade de acolher-nos. A fim de que esta enumeração não seja demasiado seca, contarei algumas histórias que me sucederam efectivamente.

Atravessámos a fronteira em Vilar Formoso e chegámos a Lisboa, primeira «etapa» da nossa viagem. Na capital, não fomos ao Rotary porque antes queríamos acostumar-nos ao sotaque da língua Portuguesa. Passámos 4 dias passeando nessa bela cidade, fundada por Ulisses, segundo a lenda. A beleza dos seus monumentos (Sé, Torre de Belém, Jerónimos) e dos seus arredores (Estoril, Cintra) encantaram-nos, bem como a estrada até Setúbal.

Os Senhores Rotários setubalenses conduziram-nos ao Castelo de Palmela e, por mar, com um pequeno barco de pescador, à serra da Arrábida (Portinho e lapa de Santa Margarida). Nesta expedição eu pensava ser um novo Vasco da Gama marchando à conquista do mundo. Mas a realidade, de repente, fez desvanecer estas ilusões e estes sonhos de grandeza: o nosso barco encahou entre duas fintas de areia e tivemos que meter-nos na água para empurrar...

A terceira paragem foi dedicada ao nosso amigo Senhor Doutor Joaquim Veríssimo Serrão, professor de Português em Toulouse, que passa as suas férias em Santarém. Acolheu-nos na sua casa durante dois dias e com grande competência fez-nos visitar as magníficas igrejas de Santarém e os panoramas sobre o Tejo...

Mas a Figueira da Foz estava à nossa espera! Bem vimos que merece o apodo de rainha das Praias Portuguesas pela extensão da sua beira-mar. Levados pelos sócios rotários fomos a Monte Real, Coimbra, Luso, Bussaco, Curia e Mira. Na Figueira foi verdadeiramente onde compreendemos a afeição dos Portugueses pelo bacalhau, dada a importância das superfícies reservadas ao «fiel amigo».

Aveiro, a «Venosa Lusitana» foi a nossa quinta «etapa». O seu museu regional entregou-nos as suas riquezas (túmulo de Santa Joana). Fizemos um passeio em carro no vale do Rio Vouga, e o farol levantou ante os nossos olhos a sua massa imponente. Durante este passeio, numa paragem sentimos chegar com o vento um cheiro horrível. Com a minha mulher perguntávamo-nos o que era e não podíamos sequer adivinhar; era uma coisa desconhecida, algo especial. Olhámos por toda a parte, fazíamos esforços terríveis para esclarecer a origem daquele cheiro. Ao ver os nossos rostos inquietos e perplexos, o nosso condutor explicou: é a fábrica de celulose que vimos perto da estrada, e a 3 quilómetros de distância de aqui. Acrescentou que às vezes com o vento cheirava até 10 quilómetros.

Passando por Vila da Feira, che-

Continua na 2.ª página.

Continua na 2.ª página.

Glória de Guimarães

que nenhuma vontade contrária

nos arrebatá!

A. L. de Carvalho.

Em um guia de propaganda turística publicado pelo Secretariado Nacional de Informação, em 1950, livro que foi prefaciado por António Ferro, vem esta nota, a pag. 113, relativa à Vila da Feira:

«O seu castelo manifestou-se partidário de D. Afonso Henriques antes da Batalha de S. Mamede. Disputa a Guimarães a honra de Berço da Nação Portuguesa».

Por este modo oficial, em rotelão intitulado *Cartilha da Terra Portuguesa*, se faz eco da mania fixada na cabeça de certo bairrista feirense que teima e teima, — foi no Castelo da Feira onde nasceu Portugal!

Esta nódoa não teria importância, seria tomada à conta de bairrismo exacerbado, se não viesse numa publicação do Secretariado Nacional.

Assim, não pode deixar de receber reparo, tanto mais que a edição de 1950 deve ter-se reproduzido.

Saibam quantos...

A *História já consagrou, definitivamente, a cidade de Guimarães como Berço da Nação Portuguesa!*

Embora esta consagração, de fundo nacional, não seja dógma cívico, que se considere sacrilégio qualquer disputa contrária, a verdade é que não fica bem, e errónea, a atitude de um organismo oficial de informação e propaganda, fazendo-se eco do dislate! Porquanto, o simples facto de a Cartilha oficial admitir tal dislate, reproduzindo-o, deixa pressupor a ideia de que a disputa feirense excede o âmbito de uma polémica jornalística vulgar, meramente individualizada.

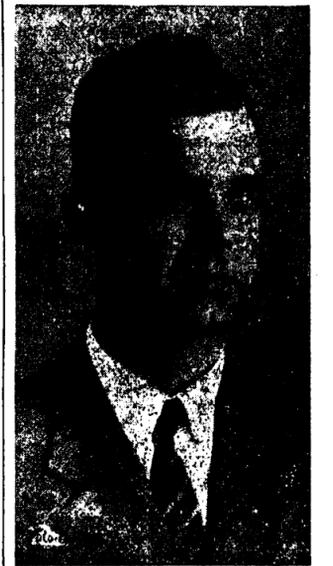
Restringindo-nos ao facto, somos obrigados a reconhecer que ele nasceu ontem. Não tem tradição. Enquanto Guimarães, por seus títulos e forais, se ufana, há oito séculos, de ser o Berço da Nação Portuguesa, a Vila da Feira, pelo estulto capricho de um escritor local, pretende, de fresca data, enfeitar a sua terra com glória alheia.

Diz a nódoa transcrita no rotelão do Secretariado Nacional: O Castelo da Vila da Feira «manifestou-se partidário de D. Afonso

Henriques, antes da Batalha de S. Mamede».

Não houve o cuidado, da parte do Secretariado Nacional, de antecipar esta afirmação de ordem histórica, com a declaração — de que a mesma era obra de um fei-

Continua na 2.ª página



O Sr. Ministro das Obras Públicas

esteve ontem em Guimarães

Acompanhado por altos funcionários do seu Ministério e ainda pelos Srs. Dr. António Abranches, Governador Civil do Distrito, e Dr. José Maria de Castro Ferreira, Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, e vindo de Famalicão, esteve ontem de manhã nesta cidade o Sr. Eng.º Arantes de Oliveira, ilustre titular da Pasta das Obras Públicas, que visitou diversas obras.

O ilustre membro do Governo esteve no Quartel dos Bombeiros, trocando impressões acerca da sua



Um aspecto do almoço oferecido por Rotary Clube de Guimarães

sentou cumprimentos de boas-vindas.

O Jornalista Gentil Marques agradeceu o acolhimento e revelou a sua satisfação e felicidade por encontrar-se em Guimarães no cumprimento de um grato dever. Referiu-se, então, ao filho de Natal do «Mundo», falando ainda da simpatia que o liga à nossa Cidade e terminando por agradecer o ambiente de amizade e boa compreensão da Câmara Municipal e do povo de Guimarães.

Aquella sessão estiveram presentes diversas senhoras e cavaleiros, autoridades locais e a direcção do Rotary Clube de Guimarães, que quis associar-se à interessante festa de domingo último, dado o seu singular significado.

S. João de Ponte viveu horas de indescritível alegria

(Do nosso correspondente de Campelos)

Viveu a laboriosa e ridente paróquia de S. João de Ponte, no passado domingo, horas de intenso júbilo, ao receber a honrosa visita da ilustre embaixada da Revista de Actualidades «Mundo», que propostamente se deslocara de Lisboa, para vir apadrinhar uma criança desta terra, filha de humildes lavradores-casieiros, nascida na noite de Natal do ano findo e pela mesma revista eleito «Bébé da Sorte - 1957». Quis o destino, que essa criança escolhida fosse desta terra, a qual compreendendo a inefável honra, que lhe foi conferida, vestiu as suas melhores galas e veio para a rua exteriorizar a sua alegria. Esperavam a ilustre caravana, que vinha desde Guimarães acompanhada pelas autoridades e imprensa local, a Banda musical e os Bombeiros das Taipas, os Escutas de Campelos, e um numeroso grupo de raparigas com trajos regionais, que lançaram flores, e muito povo de cá e das freguesias limítrofes, que aclamavam os ilustres visitantes, enquanto no ar se faziam ouvir estrondosas salvas de morteiros e foguetões. Seguiu-se um vistoso cortejo, em direcção à Sede da Junta da Freguesia, onde se efectuou uma luzida sessão de boas-vindas, em que vários oradores exaltaram a altruista iniciativa da Revista «Mundo», pondo em destaque a figura do seu ilustre Director e brilhante jornalista sr. Gentil Marques. A sua Ex.ª esposa foi também oferecido um ramo de flores, gesto que, muito sensibilizada, agradeceu. Presidiu à sessão o sr. Dr. Catanas Diogo, Vereador da Cultura e representante do Presidente da Câmara Municipal de Guimarães, que tinha a ladeado o sr. Gentil Marques e esposa, Padre Joaquim A. M. Ribeiro Torres, pároco da freguesia, Tenente Diamantino Morgado, Comandante da G. N. R., Antonino Dias Pinto de Castro, presidente do Rotary Clube e director do «Notícias de Guimarães», D. Arlinda Carvalho Araújo, professora oficial, D. Inês da Silva Gonçalves, D. Laurinda Gonçalves Dias de Castro, D. Beatriz da Silva Teixeira, D. Maria Helena de Almeida Ferreira, D. Maria do Carmo Gonçalves Dias de Castro, Francisco da Costa e Silva, comandante dos Bombeiros das Taipas e Isildo Francisco da Silva, presidente da Junta de freguesia de Ponte. Viagem ainda indistintamente os srs. Dr. Ricardo Freitas Ribeiro, Dr. José Gonçalves, Veterinário municipal, Dr. Francisco Carvalho Ribeiro, Dr. Júlio Soares Leite, Dr.

Jorge da Costa Antunes, Dr. Hugo de Almeida, advogado, Dr. Armando Faria, Tesoureiro municipal, Engenheiro António de Araújo e esposa, Eng.º João Maria Cardoso de Meneses (Margaride) e esposa, D. Matilde Cândida Machado, redactora do «Comércio de Guimarães», D. Cândida Barbosa Pinto, professora aposentada, D. Alzira Malheiro, directora da Escola Feminina do Porto, Dr. Fernando Saraiva Monteiro, presidente do Turismo das Taipas, José de Oliveira, presidente da Junta das Taipas, Rui Mendonça, jornalista, Eng.º Helder Rocha, António Augusto A. Ferreira Júnior, Cabo Ferreira, comandante do Posto da G. N. R. das Taipas, Gaspar Afonso de Aguiar, José M. Teixeira, Joaquim M. S. Carneiro, Francisco Coelho de Lima, Alfredo Maia e esposa, Adelino Laranjeiro dos Reis e esposa, Domingos Mendes Fernandes, Manuel Rodrigues, secretário das Unidades Escutistas de Campelos, José de Freitas e Francisco de Oliveira, respectivamente, secretário e tesoureiro da Junta de Ponte, Adriano Pereira Caldas e esposa, António Teixeira de Oliveira e esposa, Francisco Ramos Martins Fernandes, Augusto de Araújo, etc., etc.

Finda a magna assembleia, na qual a senhora D. Arlinda Carvalho Araújo, foi sábia organizadora, e proferiu também notável discurso, seguiu-se o baptismo do feliz neófito, que também assistiu com seus ditos pais à sessão — não fosse ele, o pequeno Manuel, o santo da festa! — e a Santa Missa, actos estes celebrados pelo Rev.º Pároco, que na altura própria explicou a selecta assistência, o simbolismo da liturgia do dia, adaptando-a muito bem à entendedor festa, que se estava realizando. Ao ofertório foram levadas ao Altar, várias prendas oferecidas ao feliz Bébé, o qual já possuía um valioso fio em ouro, ofertado na sessão de boas-vindas pelo sr. Antonino Dias Pinto de Castro, em nome do Rotary Clube de Guimarães. E já a hora ia adiantada quando terminou esta simpática e edificante festa, que por ser inédita, a todos deixou as mais lisongeiros impressões.

Nesta época em que o materialismo cada vez mais se radica no mundo, este gesto a todos os títulos louvável da imprensa, por feliz iniciativa da revista «Mundo», é exemplo flagrante a apontar à sociedade dos nossos dias, a existência de almas nobres e corações generosos, ardendo na caridade cristã, no mais alto ideal altruista, no amor ao semelhante, especialmente aqueles que mais necessitam. E pelas acções dos homens, que se conhecem os mesmos homens. Assim é fácil depreender, que são exactamente homens de bem, os que nesta hora militam e dirigem os destinos da revista «Mundo», que de tão longe, alheios a incómodos de vária ordem, deixando os seus afazeres profissionais e a sua família, quiseram deslocar-se a este cantinho da Terra Mãe de Portugal, para que a sua presença e protecção, chegasse até junto duma família humilde desta terra de S. João de Ponte.

«Dar aos pobres é emprestar a Deus», diz o ditado.

Só Deus, portanto, saberá compensar devidamente esta bela iniciativa da simpática revista «Mundo» e lhe dará, disso estamos certos, longa vida, próspera e feliz, bem como aos seus dinâmicos responsáveis, votos que aliás, lhes endereçamos também, nesta hora alta de entusiasmo, que tivemos a dita de viver.

Bem hajam.

O interessante bébé, que ficou a chamar-se Manuel, é filho do lavrador-casieiro António Ferreira e de sua mulher Emília Ferreira da Silva. — C.

Rotary Clube ofereceu um almoço à embaixada do «Mundo»

A's 13 horas daquele dia e no Restaurante Jordão, teve lugar um almoço íntimo que a Direcção do Rotary Clube de Guimarães ofereceu em honra da Embaixada do «Mundo».

Presidiu ao repasto o presidente do Clube, Antonino Dias Pinto de

Castro, que tinha à sua direita o Sr. Dr. J. Catanas Diogo, Vereador da Cultura da Câmara, em representação do Sr. Presidente; e a Senhora de Gentil Marques e o sr. Dr. Hugo de Almeida; e à esquerda o Sr. Gentil Marques, a Senhora de Jorge Peixoto, e o Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes. Noutros lugares sentaram-se os restantes membros da representação do «Mundo», Senhoras Vimaraneses, membros de Rotary Clube, etc.

Na altura dos brindes, falou o presidente do Clube para saudar os ilustres visitantes e regozijar-se pelo êxito da feliz iniciativa que proporcionou momentos de alegria a um pobre casal da pequena freguesia de S. João de Ponte. Dirigiu palavras de muito apreço ao ilustre representante do Município e aos Senhores Dr. Hugo de Almeida e Dr. Jorge da Costa Antunes e bebeu pelas felicidades do Bébé e pelas prosperidades da Revista e, bem assim, do seu ilustre Director e de sua esposa.

Brindaram em seguida os srs. Dr. Jorge da Costa Antunes, Dr. Hugo de Almeida, Jorge Peixoto, distinto Publicista; Rui de Mendonça e Júlio Pedesa, Jornalistas, e Dr. J. Catanas Diogo, tendo todos depois de louvarem a iniciativa da Revista «Mundo», dirigido palavras de agradecimento e de simpatia para Rotary Clube e também para «Notícias de Guimarães», o que, sobremaneira, nos sensibilizou.

Por último falou o sr. Gentil Marques, que se mostrou deveras encantado com o acolhimento que Guimarães lhe dispensou, proporcionando-lhe um dia inigualável na sua vida.

Imagens rudes, sumárias, ingénuas, a que António de Azevedo deu uma interpretação e um significado, elas corporizam no granito do velho templo de Rio Mau, figuras da História e da Lenda, que, nas estrofas da «Chanson de Roland», tomaram ressonância universal.

N. R. — Transcrevendo do nosso prezado colega «Diário da Ma-

GAZETILHA CRÍTICA LITERÁRIA

Velhos tempos...

Reviver, é desfiar,
como em contos dum rosário,
nosso doce lembrar...

O Passado, é calendário
por onde a vida caminha,
a rezar, em seu fadário...

E arranco nova folhinha
ao «bloco» da minha idade,
nessa velha agenda minha:

pra recordar, com saudade,
os meus passos de rapaz,
na tão fugaz mocidade!

... Há muitos anos atrás,
era bélica, a chamada
romaria de S. Brás...

O povo ia, de longada,
a pensar no merendeiro
e na bela patuscada...

Mas, depois, o marmeleiro,
no «brilhar» da romaria,
nalguns tocava... a pandeiro!

Porém, essa sinfonia,
toda ela «o vento levou»
na asa da franca harmonia:

e se amargura ficou,
foi a bailar na lembrança
de quem menos... apanhou!

— Depois... veio a temperança,
e a mocidade de agora
não ri, nem canta, nem dança,
como nos tempos... de outrora!

Ortígo.

Glória de Guimarães

Continuação da 1.ª página

rense escritor, que a pôs a correr, de conta própria, por mera especulação do seu espírito doente.

Por isso, mais uma vez se esclarece:

Não foi, apenas, no Castelo da Feira, terra de Santa Maria, onde se verificaram sinais de adesão à causa da independência do Condado Portucalense — causa cuja génese brotou em Guimarães, e, próximo do seu Castelo, se observou o recontro das forças adversas e onde a sigla do Infante se arvorou na hora do triunfo. Também outro fidalgo, donatário do Castelo de Neiva, anda citado na História como partidário, na hora precursora, da política do Infante.

Esta é a lição recordada por Herculano e esquecida pelo escritor da Vila da Feira.

Demais, convém acentuar: Antes de S. Mamede (1128), já o Castelo de Guimarães era teatro de um feito militar, destinado à independência e formação do Reino, pelo que sofreu duro cerco de forças comandadas pelo próprio rei castelhano, D. Afonso VI.

E os fiéis do Castelo da Feira, foram estranhos a esse sucesso histórico.

E, pois, lastimável, que uma instituição oficial de propaganda — o *Secretariado Nacional* — faça alusão à babuseira de um escritor atacado de cegueira bairstista.

Quando oito séculos de história, repito, firmaram o sucesso, proclamando o burgo de Guimarães precursor da Pátria; quando é o próprio Estado que consagra Guimarães como Berço da Nação, não fica bem, é mesmo antinacional, dar ouvidos a palavras loucas.

Quando oito séculos de história, repito, firmaram o sucesso, proclamando o burgo de Guimarães precursor da Pátria; quando é o próprio Estado que consagra Guimarães como Berço da Nação, não fica bem, é mesmo antinacional, dar ouvidos a palavras loucas.

Quando oito séculos de história, repito, firmaram o sucesso, proclamando o burgo de Guimarães precursor da Pátria; quando é o próprio Estado que consagra Guimarães como Berço da Nação, não fica bem, é mesmo antinacional, dar ouvidos a palavras loucas.

Quando oito séculos de história, repito, firmaram o sucesso, proclamando o burgo de Guimarães precursor da Pátria; quando é o próprio Estado que consagra Guimarães como Berço da Nação, não fica bem, é mesmo antinacional, dar ouvidos a palavras loucas.

Quando oito séculos de história, repito, firmaram o sucesso, proclamando o burgo de Guimarães precursor da Pátria; quando é o próprio Estado que consagra Guimarães como Berço da Nação, não fica bem, é mesmo antinacional, dar ouvidos a palavras loucas.

«MAIS UM PASSO DA «CHANSON DE ROLAND» no românico português» de António de Azevedo

por Fernando de Pamplona

(Crítico literário e Inspector do Ensino Técnico)

A «Chanson de Roland», a famosa gesta medieval francesa, alastrou pela Europa, levada pelos trovadores. E assim penetrou no Norte de Portugal através das peregrinações francesas a Santiago de Compostela, ao suposto túmulo do Apóstolo. Deixou vestígios na tradição oral. E reflectiu-se também, na escultura românica, afluindo nos capitéis historiados das igrejas.

Foi o saudoso erudito dr. Manuel Monteiro quem primeiro descobriu e apontou o influxo da «Chanson de Roland» entre nós, identificando, em 1945, os heróis de Roncesvales num capitel da Sé de Braga. Comparando o texto do poema épico com as imagens frustes dos obreiros do românico, chegou à convicção de que assim era, mas com a cautela e o escrúpulo nele habituais, apresentou a sua ideia como simples hipótese, que investigações ulteriores se encarregariam de confirmar ou desmentir. De facto, neste domínio, um caso isolado torna-se duvidoso. É natural que outros surjam paralelamente, se na verdade determinada influência se fez sentir na arte duma região.

A desejada confirmação, trouxe-a anos depois, António de Azevedo, escultor ilustre e também investigador arguto, ao encontrar num capitel da igreja de Amorim, a imagem de Roland com o seu olifante. Se cada uma das descobertas referidas poderia isoladamente suscitar dúvidas compreensíveis, as duas juntas, pelo contrário, levam já ao limiar duma certeza. No entanto, os mais exigentes objectam que as imagens escultóricas não condizem perfeitamente com os correspondentes passos do poema. A este respeito, observa com justiça António de Azevedo que «a interpretação dos textos para efeito da transposição à pedra nem sempre pode corresponder com exactidão à descrição literária».

De facto, «na escultura decorativa, mais do que em qualquer outra expressão de arte, o escultor tem de ser escravo das linhas e dos volumes criados pelo arquitecto, não os podendo transgredir sem prejuízo dum conjunto que lhe compete respeitar, em íntima colaboração, para a boa harmonia de toda a obra». E acrescenta: «No românico então a escultura é de absoluta sujeição à estrutura arquitectural. Já muito tarde, e só quase no final do gótico é que ela consegue emancipar-se e desligar-se das massas arquitecturais, tornando o arquitecto a criar-lhes suportes bastante independentes».

Agora António de Azevedo traz novo e valioso contributo para o estudo das influências francesas na arte dos primórdios da nossa nacionalidade com o seu recente opusculo «Mais um passo da «Chanson de Roland» no românico português». Trata-se dum capitel, agora por ele estudado, da pequena igreja românica do Rio Mau, perto de Vila do Conde e da Póvoa de Varzim, em que surge um episódio da «Chanson de Roland» diz António de Azevedo: «Não creio que se pudesse representar melhor plásticamente a dramática cena final de Roncesvales, quando Carlos Magno procura, entre os mortos, no campo de batalha, os corpos de Roland, de Oliveiros e do arcebispo Turpin. Encontra-os, e, ao ver o corpo sem cor de Roland — o sobrinho querido — cai desfalecido e, ao voltar a si, encontra-se amparado pelas mãos de quatro dos seus varões».

É esta imagem — o Imperador amparado por dois varões — que representa uma das faces do capitel do Rio Mau. Na outra, vê-se um homem transportando um morto que tem nas mãos um objecto longo com o aspecto duma espada, por certo a famosa Durendal de Roland, que, juntamente com o olifante, o herói escondeu sob o ventre, ao sentir a morte próxima. Nas restantes duas faces vêem-se dois trovadores empunhando rabeças — aqueles mesmos cantores errantes que até nós trouxeram o famoso poema do Além-Pirenéus e que, portanto, a ele ficaram ligados entre nós.

Imagens rudes, sumárias, ingénuas, a que António de Azevedo deu uma interpretação e um significado, elas corporizam no granito do velho templo de Rio Mau, figuras da História e da Lenda, que, nas estrofas da «Chanson de Roland», tomaram ressonância universal.

N. R. — Transcrevendo do nosso prezado colega «Diário da Ma-

nha» esta apreciação ao novo trabalho do Escultor António de Azevedo, fica feita, por mão de Mestre, a merecida crítica, pelo que só temos de acrescentar as nossas felicitações a António de Azevedo, e os nossos agradecimentos pela gentileza da oferta de um exemplar com dedicatória amiga, que muito nos penhora.

Guimarães de ontem e de hoje

Continuação da 1.ª página

cas medievais; o Castelo, a igreja de Santa Margarida e Paço dos Duques, renovados e circundados por um lindo parque.

Depois, a Praça de Mumadona, o Palácio da Justiça e a zona do novo liceu agora em foco.

Mais abaixo a Alameda Salazar, que, quando concluída, será rica de paisagem e de grandiosidade. O alargamento da Praça do Toural com a Caixa Geral de Depósitos a dar relevo e grandiosidade ao local. A seguir a Escola Industrial e Comercial tornando-se mais vistosa com o desapparecimento do Quartel dos Bombeiros; o parque da cidade com o campo de jogos; a central de camionagem com esplendidos prédios em construção. Mais abaixo e em plano de relevo um futuro Quartel Militar.

Repara também nesta rodovia que de Covas vem ao Castanheiro, onde se biforca para a Estação e local do Matadouro. Esta rodovia, como vez, tem duas faixas de rodagem desde o Castanheiro ao Matadouro e à estrada de Braga.

Tudo o que vejo é um plano grandioso, que levará anos sim, mas que no futuro só dignificará a cidade e todos aqueles que contribuíram para tão arrojado empreendimento.

Vão abaixo casas e quarteirões inteiros de ruas e praças; é necessário sacrificar jardins, campos e quintas?...

Sim, mas isso não importa nada vale em relação à obra de vulto a empreender.

A ti, mano, se assim continuas a pensar considero-te um espírito tacanho, de nada te valendo a cultura que nosso pai te deu. Precisas de correr mundo e ver o que vai lá fora para compreenderes estas coisas.

Está em causa o bem comum, o progresso duma cidade que quer sair do marasmo em que se encontra. O aspecto desolador desse «Bota-abaixo», como lhe chamas, já não nos acabrunha, nem nos põe o coração em sobressalto. Chegou a hora do ressurgir, a hora dinâmica que há-de fazer de Guimarães uma cidade progressiva e bela, sem com isto perder nada do seu passado grandioso.

Ruas, largos, praças, alamedas, prédios grandiosos, monumentos, tudo surgirá como por encanto e em breves anos. Escolas e liceus onde os novos terão ensejo de se educar e bem preparar para o futuro serão uma realidade dentro em breve.

Um quartel novo com uma nova unidade militar dará nova vida e progresso à cidade.

Tudo se conjuga enfim para um futuro à altura da histórica cidade de Guimarães.

— Perrão, mano brasileiro, eu não quero dizer que a cidade não deva progredir e crescer, aumentar às suas escolas, fazer novas ruas, arranjar um quartel, que já cá tinhamos, e que não estava mal naquela fortaleza do Paço dos Duques, com o Castelo ali próximo e a figura esbelta e desmpeirada de D. Afonso Henriques sempre alerta, Já cá tinhamos tudo isso e também tinhamos o liceu com o 6.º e 7.º ano e tudo cabia onde se encontrava.

O que eu lamento é que se atire para a rua com dezenas e dezenas de famílias, habituadas à sua casa boa ou má, com esta destruição constante que não pára e que só causa dó. Tu não te recordas com saudade da nossa casa de S. Dâmaso? Se assistisses como eu à sua demolição, ao desabar daquelas pedras, do meu quarto, do teu, da cozinha...

O que eu gostava, mano brasileiro, era de ver abrir estradas e ruas deixando estar tudo o que está para bem de todos nós. E as ruas podiam ser abertas sem estragar quintas ou pelo menos prejudicando o mínimo possível, pois temos que viver da lavoura, daquilo que nos dão os campos.

Portugal visto por um estrangeiro

Continuação da 2.ª página

gámos ao Porto, onde tivemos grande dificuldade para encontrar um quarto. Só tivemos sorte no quinto hotel. No terceiro, depois de perguntarmos em Português se havia um quarto, o porteiro pensou que éramos portugueses e respondeu: «E' pena, mas não há. E' que agora está a chegar uma estrangeirada, sobretudo de franceses... e seguiu falando dos turistas franceses. Era muito engraçado ouvir o porteiro falar assim (com gentileza) dos Franceses a nós. A Sé, a Bolsa do Comércio atraíram a nossa atenção. O Senhor Presidente do Rotary levou-nos até Viana Viana do Castelo e à sua basílica de Santa Luzia.

Depois do Porto: Braga. Aqui também o Senhor Presidente João dos Reis desejou fazer-nos descobrir os encantos turísticos da região: Bom Jesus, Sameiro, Serra do Gerez, e, na cidade: a Sé e a Biblioteca.

A nossa viagem acabou em Guimarães numa verdadeira apoteose. O Senhor Presidente Antonino Dias Pinto de Castro, director de «Notícias de Guimarães», fez-nos com grande benevolência a honra da recepção. O Senhor António de Sousa Lima propôs-se como guia. Demonstrou-nos que o tão afamado acolhimento vimaranense não era uma coisa vã, uma tradição decadida, mas que ainda hoje correspondia com a alma dos habitantes da primeira capital de Portugal. Fez-nos admirar, com o Senhor Almeida Ferreira Júnior, a Penha, a Citânia de Briteiros, o Castelo de Dom Afonso Henriques, o Museu. Ofereceu-nos, com o Senhor Past-Presidente (oelho de Lima, magníficos regalos e levou a sua amabilidade até conduzir-nos com o seu carro ao Porto. Com pena deixámos atrás Guimarães e a fidalga hospitalidade dos seus habitantes, que não esqueceremos.

No dia 18 de Agosto, depois duma encantadora estadia, regressámos a França, com o coração cheio de lembranças e de tristeza.

Aqui descansaram durante 15 horas, após o que, na madrugada de ontem se efectuou a prova complementar, da Rampa da Penha, sendo-lhes dada a partida, às 4 horas da manhã, para nova etapa.

AUTOMOBILISMO

Promovida pelo Clube dos 100 à Hora, de Lisboa, realizou-se uma nova volta a Portugal em Automóvel, tendo chegado na 6.ª-feira de manhã a esta cidade os concorrentes, em número de 29.

Aqui descansaram durante 15 horas, após o que, na madrugada de ontem se efectuou a prova complementar, da Rampa da Penha, sendo-lhes dada a partida, às 4 horas da manhã, para nova etapa.

FALTA DE ESPAÇO

Por absoluta falta de espaço, deixamos de publicar vário original e noticiário, entre ele: *Ecoss, Carta a uma Senhora*, uma carta de António da Silva Furtusinhos, outra da Comissão do Cortejo de Oferendas de Guardizela, etc.

Esta Câmara não faz outra coisa senão destruir, destruir... ou então comprar quintas e mais quintas. E' nisto que se findam todos esses grandes projectos annunciados em parangonas...

— Estou admirado contigo! Já vejo que te insuflaram nas veias a maledicência, o veneno corrosivo, a paixão dos interesses mesquinhos com que se divertem os grandes entendidos à mesa do café, ou nas horas de ócio...

Como tu estás mudado! Não, não concordo contigo. O plano que admiro nesta planta, estudado por técnicos bem escolhidos para o fim, não tem nada de destrutivo. Visa a modernizar e cidade onde ela nada tem de característico, a torná-la espaçosa no seu centro, de harmonia com as exigências modernas, fazendo desaparecer esses cotovels, como era o de S. Dâmaso e outros.

A cidade fica mais ampla, o movimento desorganiza-se, surgem ruas mais largas e o acesso cidadão deixa de ter as preocupações das passagens de nível. As casas que este plano por felicidade já obrigou a destruir eram inestéticas, sem quaisquer caracteres arquitectónicos, a maioria verdadeiros pardeiros.

Lucramos com isso proprietários e inquilinos; os primeiros porque foram bem indemnizados, podendo fazer novas construções em local apropriado, e os segundos, os tais desalojados, os tais lançados para a rua, receberam em compensação uma casa limpa, higiénica e alegre.

Quanto ao traçado de ruas e estradas elas devem seguir o que os técnicos indicarem, de maneira a servir o bem comum e não o particular.

A cidade está apertada, esmagada, e por isso terão de ser sacrificados jardins e quintas para bem de todos nós. No entanto a zona agrícola é extensa e o mercado não virá a ser prejudicado com a falta desses campos.

Mais teríamos que conversar sobre o tal quartel lá em cima e o liceu velho... tudo adaptações. Mais vale terminar.

PANORÂMICA

COM A COLABORAÇÃO DOS SERVIÇOS CULTURAIS DA SHELL PORTUGUESA

Uma revolução doméstica No mundo provocada pelo polietileno do petróleo

Há dez anos, os materiais plásticos eram simplesmente «plásticos» para todos, excepto para os químicos e seus fabricantes. Hoje, a palavra «polietileno» (a designação corrente do polietileno) já se tornou familiar; e raro é o lar que não possua utensílios domésticos feitos de polietileno, uma substância derivada do petróleo.

Este produto começou a ser fabricado na Grã-Bretanha antes do último conflito mundial, tornando-se um material de guerra indispensável, dadas as suas excelentes

até 1960, as de qualquer outro material plástico. Isto por se ter provado que o polietileno se adapta, com facilidade, à produção de artigos domésticos.

Ora a indústria petrolífera ocupa-se intensamente do fabrico de produtos químicos e a Shell, sempre na vanguarda, possui já uma enorme produção de tais produtos, entre eles o polietileno.

A Petrochemicals, Ltd., que pertence ao Grupo Royal Dutch/Shell, tornou-se a única firma autorizada a utilizar na Grã-Bretanha a téc-



A maioria dos artigos que se podem ver na gravura são do primitivo tipo de polietileno. No entanto, a bacia, o passador e a medida (mais negros) são já fabricados com o novo tipo de polietileno que, pela sua resistência ao calor, é valiosíssimo no fabrico de utensílios de cozinha

propriedades de isolamento eléctrico. No fim da guerra, os Estados Unidos e a Grã-Bretanha possuíam em stock uma grande quantidade de polietileno para ser utilizado em inúmeras aplicações; desde então este produto começou a ter um desenvolvimento extraordinário, prevenindo-se que as vendas totais de polietileno em todo o mundo excederão,

nica Ziegler para a produção do moderníssimo polietileno de alta densidade. Este material é mais resistente e menos flexível do que o polietileno de baixa densidade, e tem maior resistência ao calor e à água quente.

Leveza, flexibilidade e o facto de ser inquebrável são algumas das qualidades deste novo tipo de polietileno que o tornam ideal para o fabrico de utensílios de uso doméstico. Além disso, o polietileno resiste à acção de todos os detergentes.

Quando o polietileno apareceu, pela primeira vez, as donas de casa admitiram que, devido à sua resistência, se tratava de um material que nunca se estragaria; passaram a lidar com ele des preocupadamente e obtiveram muitas vezes resultados desastrosos. Hoje já toda a gente sabe lidar com utensílios de polietileno, não havendo com certeza pessoa alguma que ainda leve ao lume recipientes deste material.

Todos os plásticos, incluindo este novo tipo, têm por constituinte fundamental o carbono orgânico e por isso não resistem à acção duma chama ou de calor intenso, tal como sucede com matérias de origem vegetal, por exemplo a madeira. Está provado, que um dos principais factores que causam o estrago do polietileno é a maneira como os artigos daquele material são limpos, pois muitas pessoas utilizam erradamente, na sua limpeza, substâncias abrasivas. Nos últimos anos, os fabricantes de plástico têm melhorado muito os seus produtos tanto em resistência como em facilidade de limpeza.

Os materiais plásticos estão actualmente a ser utilizados em obras de engenharia e construções. Por exemplo, o polietileno em folhas para impermeabilização de casas, e a tubagem do polietileno para canalização de água fria, têm resultado grandemente satisfatórios em numerosas instalações.

Presentemente, só se fala em dois tipos de polietileno — o de «baixa densidade» e o de «alta densidade» — mas prevê-se que estes sejam os precursores de numerosos outros tipos com diferentes qualidades e aplicações. O polietileno representa actualmente um papel bastante importante na indústria, o qual, no futuro, terá ainda maior amplitude.

No mundo do petróleo

Thor Heyerdahl e o asfalto

No livro em que descreve a aventureira viagem que fez a bordo da jangada «Kon Tiki», Thor Heyerdahl refere-se aos estragos que a água salgada provocou nos alimentos que transportava. «A espessa camada de asfalto que envolvia as caixas de cartão provou a sua resistência», escreve, ao passo que o conteúdo das latas, herméticamente fechadas, que foram colocadas fora das caixas, ficou estragado pela água do mar, que continuamente invadia as nossas provisões».

O Grupo Royal Dutch/Shell manuseia 150 tipos de moeda diferentes

O Grupo Royal Dutch/Shell, que exerce a sua actividade em cerca de 140 territórios diferentes, manuseia outros tantos tipos de moeda, e paga impostos a mais de uma centena de Tesouros nacionais.

Vinte anos na Colômbia

A Shell comemorou o vigésimo aniversário da sua instalação na Colômbia.

Do facto, iniciou-se ali, em 1937, o primeiro levantamento geofísico, tendo-se perfurado desde então mais de 500 poços.

A Companhia Concessionária de Petróleo Shell-Condor S. A. produziu e vendeu mais de doze milhões de barris de petróleo bruto, no valor de 48 milhões de contos. Só em 1957 a Companhia começou a recuperar algum capital investido, uma vez que o rendimento completo das vendas efectuadas no estrangeiro tinha sido reinvestido na pesquisa e no desenvolvimento de áreas de produção.

Um campo petrolífero a 80 kms da costa do Texas

No Golfo do México, onde a Shell Oil Company é um dos principais produtores, existem poços de petróleo a 80 quilómetros das costas do Texas e Luisiana à profundidade de 30 metros.

Sabe-se, agora, que a área de Exploração e Produção de Nova Orleães, da Shell Oil Company, completou as pesquisas do seu poço submarino mais longínquo, cujo teste de produção flutuou entre 378 barris diários. A perfuração foi efectuada à profundidade de 12 metros no Golfo, a 80 quilómetros da foz do rio Atchafalaya e 120 quilómetros da Instalação da Shell em Morgan City, Luisiana. Leva-se perto de oito horas de barco a chegar a este poço.

Aumento de produção de resinas Epikote e Álcool isopropílico

Duas novas unidades produtoras de resinas Epikote, que foram agora concluídas na fábrica de produtos químicos da Shell, em Houston, Texas, triplicarão a produção de resinas. Uma das unidades produz graus líquidos de resina destinada a ser utilizada pelas indústrias da aviação e de automóveis, como tintas anti-corrosivas e estruturas plásticas, ao passo que a outra produz graus sólidos empregados essencialmente na indústria de revestimento.

A Shell Chemical Corporation anuncia também um programa de expansão no sentido de aumentar a produção do álcool isopropílico.

Esta expansão está a ser realizada a fim de se enfrentar o aumento da procura de álcool isopropílico, e dos seus dissolventes — procura motivada pelo desenvolvimento de revestimentos plásticos e produtos farmacêuticos e pelas descobertas de novas utilizações de dissolventes e seus derivados.



Servindo a Lavoura

FORMIGA ARGENTINA E COCHONILHAS UMA ASSOCIAÇÃO PREJUDICIAL

Pelo Engenheiro Agrônomo J. C. SILVA DIAS da Repartição dos Serviços Fitopatológicos da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas.

(Transcrito do Boletim Agrícola, publicação mensal da Shell Portuguesa).

É atitude natural e conveniente reduzir os conhecimentos técnicos e científicos a um certo número de princípios práticos e passar a reger a nossa actividade por esses princípios. Um número infundável de práticas hoje geralmente aceites, tais como as adubações, os tratamentos fito-sanitários, as podas, as tecnologias dos produtos agrícolas, etc., são exemplos de verdades técnicas quase universalmente aceites. Dessa generalização dos termos do conhecimento decorre, porém, com frequência uma circunstância menos aceitável: recebidas a princípio com dúvidas, certas práticas são aplicadas com o andar dos tempos de forma tão displicente que passam facilmente para lá dos limites para que foram estabelecidas deixando de ser aplicadas de forma racional, ou sequer justificável.

É uma das missões do técnico, e muito honrosa, inverter o processo e explicar até onde possível e viável não só os como o quando mas também e principalmente os porquês.

Isso nos propomos fazer em relação a uma associação de dois grupos de insectos: formigas (no caso a formiga argentina) e certas cochonilhas.

Até princípios deste século existiam nas nossas regiões de citrinos, de vinhas, oliveis e figueirais todas as cochonilhas que hoje conhecemos como prejudiciais: a mela ou algodão (*Pseudococcus citri* Risso), o *Coccus hesperidum* L., o grão de pimenta (*Saissetia oleae* Derm.), a lapa da figueira (*Ceroplastos rusci* L.) e outro *Ceroplastos*, o *C. sinensis del Guercio*, a icéria (*Icerya Purchasi* Mask) e diversas outras que nos interessam menos neste caso.

Estas cochonilhas, ou a sua maioria, tinham atingido um estado de equilíbrio: multiplicavam-se com regularidade e também com regularidade sofriam os efeitos das condições meteorológicas e principalmente dos parasitas e depredadores que delas viveram por lhes servirem de presas ou de alimento para as suas larvas.

Alguns desses parasitas e depredadores eram indígenas, outros haviam sido introduzidos para combater cochonilhas exóticas ou indígenas, como a Vedália contra a Icerya e o Criptoleptus contra a mela das vinhas e citrinos.

As infestações, com possível excepção da motivada pela Icerya, nunca se puderam considerar maciças, principalmente se as compararmos com as que vieram depois. De facto, só condições muito especiais, meteorológicas ou de desprezo da cultura, podiam determinar o aumento de cochonilhas de forma a causar alarme.

As exigências alimentares dos portugueses aumentaram à medida que se verificava o aumento demográfico característico do fim do século XIX e princípios do XX: plantavam-se novas vinhas (o flagelo da filoxera estava vencido) e novos pomares de citrinos juntaram-se em muitas regiões aos que já existiam. Nesse período a inspecção fito-sanitária nos portos era muito deficiente e cerca de 1894 entrou no País uma colónia ou colónias de uma minúscula formiga acastanhada que anos depois viria a ser chamada formiga argentina (*Iridomyrmex humilis* Mayr). Desde 1891, data em que tinha invadido a América do Norte pela Luisiana, esta formiga tinha entrado em diversos países levada sempre pelo Homem, embora sem que este disso se apercebesse: em sacos de café do Brasil para os Estados Unidos (1891), em fardos de mudas de cana de açúcar da Guiana para a Madeira (1887?), em fardos de palha para a cavalaria britânica em guerra com os Boers (1891) e vinda da Argentina.

Em Portugal, julga-se que foram embalagens de plantas tropicais, vindas de S. Tomé para uma exposição agrícola do Porto, que serviram de meio de introdução.

Esta formiga é, pois, originária da América do Sul, mas a sua importância para o Homem parecia aí

tão insignificante como o seu porte e hábitos e daí o específico de *humilis* que lhe foi dado pelo sábio Mayr. Porém uma vez atingido Portugal (e outros países) verificou-se que o seu comportamento se modificava e, o que é mais grave, as consequências eram desastrosas.

As colónias proliferavam de modo assustador e o Homem inconscientemente espalhava-as pelo País devido ao comércio e à intensificação de trocas de produtos agrícolas.

As formigas mostravam acentuada predilecção por substâncias açucaradas e carne. As primeiras tiravam-na, nas zonas habitadas, do açúcar, mel, doces; as carnes de consumo doméstico, ninhadas de aves, criação de caça, supriam as suas necessidades carnívoras.

Não hesitavam mesmo em atacar animais domésticos muito jovens e indefesos, criação e em certos casos o próprio Homem.

Nos campos, nas vinhas, laranjais, figueirais e oliveis encontravam um manancial de açúcar sob a forma dos excrementos adocicados libertados pelas cochonilhas a que nos referimos atrás. Está hoje provado, com efeito, que estes insectos extraem, por meio da armadura bucal picadora - sugadora que introduzem nos tecidos das plantas, uma quantidade de seiva maior do que a que necessitam para a sua alimentação. O resto, modificado quimicamente, é evacuado sob a forma de uma melada, mela ou azeitona adocicada e untuosa. Por vezes a produção é de tal forma abundante que escorre pelo chão e pela planta e normalmente serve de alimento a fungos negros que envolvem a planta — a fumagina ou negrilho — infelizmente tão frequente nos nossos pomares.

Verificou-se, pois, que a formiga argentina preferia dentre todos os alimentos a melada excretada pelas cochonilhas (e afideos ou piolhos) e em breve se constatou que essa preferência era imediatamente acompanhada por um extraordinário aumento do número de cochonilhas. O equilíbrio e relativa inocuidade das cochonilhas verificado até essa data estava findo: o algodão das vinhas e citrinos e diversas outras cochonilhas desta última cultura iniciaram um período de extraordinária virulência que se reflectiu na economia de muitas lavouras. Certas regiões de citrinos em formação — como Silves, por exemplo — sofreram um atraso de que só há bem poucos anos se recompuseram.

Depressa se verificou que para combater qualquer cochonilha das que referimos era necessário eliminar a formiga. Os motivos do aumento de cochonilhas quando solicitadas pela formiga argentina não eram, porém, evidentes: a explicação mais correntemente aceite era a de que a formiga argentina disseminava as cochonilhas transportando-as.

Como o fenómeno se verificava em muitas partes do mundo (Estados Unidos, França, Austrália e África) procurou-se averiguar o que de verdade havia nesta explicação que vinha já dos trabalhos clássicos de Fabre e Reaumur, nos séculos XVIII e XIX.

Há hoje fundamentadas razões para supor que aquele aumento é devido a qualquer ou quaisquer das seguintes causas:

a) As cochonilhas são parasitadas e devoradas por um determinado número de outros insectos. A formiga argentina afasta esses parasitas e depredadores e as cochonilhas proliferam livremente.

b) A formiga argentina ao retirar a melada contribui para o bom estado sanitário das colónias de cochonilhas aumentando assim a sua vitalidade.

c) A formiga argentina ao solicitar a produção de melada obriga as cochonilhas a consumir mais seiva, apressando assim a sua maturação e capacidades reprodutivas.

— A primeira das causas sugeridas está definitivamente provada e qualquer pessoa dotada de um pouco de paciência a pode verificar: as obrinhas de formigas argentinas são naturalmente agressivas e atacam todos os objectos em movimento que lhes passem ao alcance. Os parasitas e os depredadores são geralmente espécies muito sensíveis na sua actividade e afastam-se ou reduzem a sua acção quando incomodados. O processo de ataque e fuga repetido, numa árvore por exemplo, milhares de vezes é suficiente para ter pesado significado na percentagem de cochonilhas parasitadas e mortas, portanto.

As restantes causas, pelo menos a terceira, são ainda assunto de controversia, mas as provas acumuladas permitem encará-las com certa acção.

(Continua no próximo número).

Dois trabalhos úteis à Lavoura

Os Serviços Agrícolas da Shell Portuguesa publicaram dois interessantes folhetos, da autoria do Sr. Eng.º silvicultor João M. de Azevedo e Silva, intitulado «Notas sobre a Monda Química do Trigo», separata do *Boletim Agrícola* editado por aquela empresa, e «Abaco para determinar custos de operação na monda química (com emprego de pulverizadores de tracção animal ou acoplados a tractor)».

Qualquer daqueles trabalhos tem grande utilidade para a lavoura e representa mais uma contribuição da Shell para o esclarecimento dos problemas relativos à agricultura nacional.

Anedotas

História de «gangsters»

Dois gangsters entram num bar de Chicago, de metralhadora em punho, e matam sucessivamente o homem do bar, o dono da casa e seis clientes, ou seja todos quantos lá estavam. Então, um deles diz:

— Agora vou escrever na vitrina: «Da parte de Al Capone II».

— Não te censes! — responde o outro. — Enganámos-nos no bar! Não era este!

História de prisão

Dois gatunos, pouco amigos de conversar, encontram-se encerrados há uma semana numa cela sem trocar palavra. Até que um deles pergunta:

— Por que estás preso?
Resposta do outro:
— Porque roubei uma vaca.
Passam-se uns oito dias e é a vez do segundo perguntar ao primeiro:
— E tu?
Resposta:
— Porque roubei um relógio.
Mais oito dias decorrem e o primeiro inquirido do segundo:
— Que horas são?
Resposta:
— São horas de estares calado!

História de porteiro

Um porteiro ganha muitíssimo bem e leva, por isso, vida de rico. Um dos seus amigos pergunta-lhe:

— Como consegues ganhar tanto dinheiro?
— Com as gorjetas!
— O quê?
— Claro! Sou porteiro de um instituto de beleza. É muito simples: Quando chega uma cliente, digo: «Bons dias, minha senhora!», e quando ela parte: «Até à vista, meina!».



Robe, de corte confortável e prático, indicado para usar de manhã nos trabalhos caseiros

Do Concelho

Caldas de Vizela

Festividade em honra da Senhora das Candeias

No passado domingo efectuou-se na igreja paroquial de S. Miguel das Caldas, nesta Vila, a Festa da Senhora das Candeias.

O programa iniciou-se no sábado, com a confissão e Comunhão Geral. No domingo as cerimónias tiveram início com a Bênção e Procissão das Velas, que esteve muito concorrida, seguida de Missa Solene e Sermão por um distinto orador sacro de Braga.

E ao terminar esta encantadora festa, a Banda de Música da Sociedade Filarmónica Vizelense, que abrihantou estas cerimónias, deu um concerto com algumas das boas músicas do seu selecto repertório que muito agradou.

O progresso da nossa Vila

Não há dúvida que nas últimas décadas, mau grado, não obstante, a morosidade com que são levadas a cabo, se têm efectuado obras de grande vulto na nossa terra e que têm transformado quase por completo a fisionomia desta Vila.

O Jardim D. Maria do Resgate Salazar, uma das maiores obras do século, é precisamente ele que nos leva a fazer hoje um breve apontamento. Este Jardim, cujo título é venerado por todos os Vizelenses, está prestes a ser concluído e a maior falta que lhe notamos, o que aliás já por nós aqui foi referido mais de uma vez, são os bancos, não só destinados à sua função de embelezamento, mas também para proporcionar comodidades aos que delas se possam aproveitar. As ruas marginais, popularmente conhecidas pelas do Campo do Prado, precisam de ser convenientemente electrificadas e pavimentadas.

Numa destas ruas e no gaveto da rua Dr. Abílio Torres e do referido Jardim, iniciou-se na semana que decorria a construção de um grande edifício. Quem, como nós, tiver o grato prazer de apreciar a respectiva planta, nela vislumbrará sem esforço um novo edifício de linhas arquitectónicas moderníssimas onde virá a ser instalada uma merceria fina e um Salão de Chá com todos os requisitos de conforto e comodidade.

Esta feliz iniciativa fica-se devendo à conceituada comerciante, local Sr.ª D. Maria Amélia Gomes Saraiva.

Consta-nos que junto deste prédio em construção, muito em breve se vai dar início a um outro também digno do local. Oxalá que isso se venha a verificar e que outros Vizelenses lhes sigam o exemplo, para que o Jardim D. Maria do Resgate Salazar (a nossa sala de visitas) possa oferecer aos Turistas cada vez mais acentuadas comodidades e requintes de asseio e beleza.

Desastre mortal

No domingo, pelas 8 horas, nos subúrbios desta Vila e no lugar denominado Potéres, quando Maria da Conceição, surda-muda, natural da vizinha freguesia de Infias, filha de José Alves de Abreu e de Joana da Silva, atravessava a via férrea, foi colhida por uma automotora procedente de Guimarães.

A infeliz criança foi rapidamente transportada, na Ambulância dos Bombeiros Voluntários de Vizela, ao Hospital desta Vila, mas já ali chegou sem vida.

O trágico acontecimento causou geral consternação.

Palos C. T. T.

Foi transferida, a seu pedido, para a Estação dos C. T. T. de Negrelos, a Sr.ª D. Fernanda César Guimarães de Almeida.

Teatro Cine-Parque

Apresenta hoje, às 15,15 e às 21 horas, o interessante filme colorido, *Folies Bergère*, com Eddie Constantine, Nadia Gray e Yves Robert. (Espectáculo para maiores de 17 anos).

Domingo, 16 — *Aventuras de Robin dos Bosques*.

Farmácia de serviço

Hoje está de serviço permanente a Farmácia Campante, telef. 48272.

De Covas

Expediente

Manuel R. — Diga daí em que está o assunto do Grupo. Disponha.

Nota da semana

Esta região é constantemente invadida por grupos de mendigos desconhecidos o que, por vezes, é prejudicial dar a esmola a todos — principalmente aos novos que não apresentam grandes defeitos físicos que os impeçam de ser úteis à sociedade. Mas é possível que num futuro próximo eles diminuam, fe-

lizmente. E que muitos habitantes desta região resolverem — e muito bem — antes contribuir para as instituições locais de beneficência — beneficiando assim os pobres co-nhecidos — e deixar de dar à maior parte dos desconhecidos que estendem a mão à caridade.

— Assim, o grupo local «Bem-Fazer» continua a receber adesões.

Hoje registamos mais os seguintes dez sócios-beneficentes mensais: de Covas, os Srs. Manuel Rodrigues Ferreira, Jesualdo Oliveira Ribeiro, António Ferreira, Manuel Henriques, António de Abreu, Joaquim de Almeida, Adão Alves, Manuel Ribeiro; da Costa, Manuel Gonçalves Novais; e Alberto Gomes, de Pevidém.

Cosas e coisas

Devolvido à procedência...

Perde-se tanto tempo, gasta-se tanta tinta (e... dinheiro...) com o treinador brasileiro Yustrich quando, afinal, com pouca coisa resolviam tudo: — *Devolvê-lo à procedência...*

Também o não conhecido!

O *Diário Ilustrado* do passado dia 3 publicou o seguinte reparo: «Quando ontem, devidamente identificado com o cartão da F. P. F., pretendia entrar no Campo S. Luís, de Faro, para fazer a reportagem do encontro Farense-Beja, o nosso correspondente naquela cidade foi ostensiva e intempestivamente impedido de o fazer, por um dos porteiros de serviço, que alegou não ter validade o cartão que apresentou. O cartão é, de facto, o referente à época de 1956-57, mas como ainda não foram passados os de 1957-58 (e a culpa não é nossa...) continua a ser válido. Trata-se de uma decisão da F. P. F. que não pode ser ignorada pelos porteiros em serviço nos campos.

... Aos porteiros não fica mal saberem do seu ofício e usarem de um pouco mais de cortesia para com os representantes da Imprensa e para quantos se apresentem devidamente habilitados a entrar, o que, evidentemente, não consideramos favorável...

O que ontem se passou no campo de S. Luís é que não pode repetir-se. A actividade da imprensa está devidamente regulamentada e não está, nem pode estar, à mercê dos destemperos de um porteiro».

Há tempo, se não fora a intervenção dum fiscal da F. P. F., ia-se dando o mesmo caso na Amadora. Mas aqui o porteiro ainda disse que não conhecia aquele jornal...

... Também o não conhecido — era a resposta que o redactor lhe devia dar!

«Se soubéssemos que vinham tínhamos preparado uns carneirinhos...»

«Há na província de Toledo, em Espanha, numa povoação chamada Santa Cruz de Retamar, dezenas de rapazes solteiros, porque se por um lado há falta de reparagens, por outro as que existem, não querem nada com os moços da terra...»

A notícia correu mundo. Assim, mais de quinhentas cartas de umas duas mil mulheres de toda a Espanha — uma delas até de Lisboa! — foram recebidas em Santa Cruz de Retamar e cinquenta e cinco reparagens de um atelier de costura madrilenho escreveram ao alcaide de Santa Cruz anunciando-lhe a sua chegada para o último domingo. Naturalmente com elas foram o fotógrafo e um redactor que graujearam bons amigos e amigas naquela simpática povoação pela publicidade feita à sua terra.

Do ataque

Mal as reparagens do atelier madrilenho chegaram a Santa Cruz, todos os moços, ou quase todos os moços da povoação as rodearam. A praça onde está instalada a Câmara começa a afiluir toda a população. O presidente do clube de solteiros de Santa Cruz faz as honras às visitantes. O alcaide concedeu-lhes autorização para abrir o salão, a fim de se iniciar ali o grande baile da juventude.

— O que é necessário é que se divirtam todos honestamente e que passem todos um bom dia e que as reparagens vão contentes — diz o cura a quem rodeiam alguns rapazes.

Na praça principal está muito povo. As moças da vizinhança por um lado, os velhos, viúvos e moços por outro. O farmacêutico, maduro e solteiro, comenta com várias pessoas o sermão da missa que versou sobre a Exposição de Bruxelas, mas sem deixar de deitar o «olho de canto» às visitantes.

Ovos, chouriço e pão

Terminado o baile, o pároco da freguesia lamentava-se para as pequenas: «Se soubéssemos que vinham tínhamos preparado uns carneirinhos...»

Mas a solução está à vista. Enquanto esturjem palmas, vivas a Santa Cruz e às forasteiras, o salão vai sendo preparado com a merenda. Em poucos minutos surgem sanduí-

ches de chouriço, ovos cozidos, sumo de laranja e café.

Reina de novo a alegria. Rapazes e raparigas conversam animadamente. E ao fim e ao cabo uma moça da terra saiu-se com esta: «Agora o que é necessário é trazer até nós uma excursão de homens».

E entre galanteios e promessas de amor, as raparigas de Madrid abandonaram Santa Cruz de Retamar, alegres e ruidosas. (*Diário do Norte* 3-2-58).

Se garantirem ovos, chouriço, carneirinhos e substituírem o café pelo vinho, os homens — uma excursão de homens — não faltarão!

Calendários

Recebemos para o corrente ano um calendário de parede da Gráfica Covense. Agradecemos.

Notícias pessoais

Encontra-se já há dias em França o nosso prezado conterrâneo e amigo Sr. Eng.º Orlando Rodrigues. — Cumprimos nesta terra o nosso bom amigo e colega Sr. Luís Gonzaga Pereira, de Guimarães.

— Também cumprimentamos nesta localidade o nosso prezado amigo Sr. José Fernandes Ribeiro de Abreu, do Porto.

Aniversário

Faz anos no dia 13 o nosso familiar Sr. Modesto Teixeira da Silva Martins. — C.

Guardizela

O nosso muito obrigado

Por uma informação que a Administração Geral dos C. T. T. se dignou dar no último número deste jornal, ficamos cientes de que o nosso *Notícias* jamais nos faltará ao domingo, donde se vê que há entidades (como os C. T. T.) perante as quais não se preza no deserto. A ser assim, o nosso muito obrigado.

Ainda o «cortejo de oferendas»

Dissemos no nosso último número, embora sem culpas, que o lugar de Vales, que representava o lado Sul da freguesia, foi o que menos contribuiu, embora tivesse dado o que pôde dar, por ser também o mais humilde, quando, afinal, ficou em 2.º dos três blocos da freguesia, no cortejo de oferendas realizado em 26 do pretérito mês a favor do Menino Jesus, em Guardizela.

Com o nosso pedido de desculpa às pessoas injustamente lesadas, aqui fica a rectificação.

Novo assinante

Deu-nos o prazer da sua assinatura para este jornal o nosso bom amigo e conceituado comerciante em Serzedelo Sr. David de Carvalho, gentileza que muito agradecemos.

Casamento elegante

Com todo o esplendor e elegância, realizou-se no passado dia 30, no Santuário de Nossa Senhora do Sameiro, o enlace matrimonial do benquisto filho desta terra e nosso prezado amigo Sr. Armando Pereira, filho da Sr.ª D. Benedita Alves, de saudosas memórias, e do caro conterrâneo Sr. Avelino Pereira, com a Sr.ª D. Maria Adalina Ribeiro Queirós Pereira, também de Guardizela, filha da Sr.ª D. Felismina Ribeiro e do Sr. Adelino Coelho Queirós.

A cerimónia foi presidida pelo pároco desta freguesia, Rev. Fernando Porfírio Almeida Ribeiro, parabenizando o acto, por parte da noiva, sua irmã, a Sr.ª D. Angelina Ribeiro Queirós Pereira e o marido, ilustre guardizelense e nosso prezado amigo Sr. Albano Evangelista Pereira, e por parte do noivo a Sr.ª D. Maria Amélia Matos Pereira, do Porto, e o primo desta e nosso bom amigo Sr. Idalino Evangelista Pereira.

Seguidamente foi servido, num dos melhores restaurantes da cidade de Braga, um almoço a todos os presentes, tendo falado aos brindes o Rev. Padre Fernando, que se referiu ao acto, terminando por desejar muitas felicidades aos noivos, que depois seguiram em viagem de núpcias para o Sul do País, donde já regressaram.

Ao novo lar auguramos e desejamos as maiores venturas.

Necrologia

Na residência de sua filha, Sr.ª D. Maria Arnaldina da Costa Oliveira, da vizinha freguesia de Serzedelo, faleceu, com 59 anos de idade, às primeiras horas do dia 29 do mês passado, o conceituado comerciante Sr. Joaquim Alves de Oliveira, de Riba d'Ave, onde gozava de simpatia absoluta.

O saudoso extinto era casado com a Sr.ª D. Albertina Gomes da Costa Oliveira; pai amantíssimo da Sr.ª D. Maria Arnaldina da Costa Oliveira Faria, casada com o industrial Sr. José Fonseca Faria, de Serzedelo; irmão das Sr.ª D. Olinda de Freitas Oliveira, de Fafe; Dona Joaquina de Oliveira Fernandes e D. Maria de Oliveira Lopes e do Sr. Bernardino Alves de Oliveira, ausente no Brasil; cunhado dos Senhores Albino Fernandes, de Fafe; e Adelino Vieira Lopes, de Santa Maria de Oliveira (Famalicão); e tio do Sr. Eng.º Olindo Alves de Oliveira, de Fafe.

Pela estima de que o chorado ex-

tinto gozava no meio social em que vivia (Riba d'Ave), o seu funeral, que se realizou às 11 horas do dia 30 de Janeiro para a igreja paroquial de Serzedelo e dali para o cemitério daquela freguesia, constituiu uma expressiva manifestação de pesar.

A chave do caixão foi conduzida pelo Sr. José Maria Teixeira de Melo, tendo pegado ao mesmo, em dois turnos, os Srs. Abílio Gomes da Costa, Albino Pereira Fernandes, Avelino Vieira Lopes, Manuel de Carvalho, António de Carvalho e Alcino M. de Araújo, de casa até à igreja; e António Melo, Dr. Manuel de Melo, Dr. Afonso de Almeida, Dr. Francisco Machado, António Alves e Bento de Carvalho, da igreja ao cemitério.

Que descanse em paz.

A toda a família enlutada apresentamos a expressão do nosso mais sentido pesar.

Ao fim da tarde de segunda-feira última, finou-se na sua residência, em Santa Maria de Oliveira (Famalicão), o nosso prezado amigo Sr. Francisco Pereira Machado, que contava pouco mais de 50 anos de idade.

O saudoso extinto foi durante muito tempo correspondente naquela freguesia do *Jornal de Famalicão* e ao lado de quem, em Delães, tivemos e honra de colaborar.

Paz à sua alma.

A família enlutada as nossas condolências.

Carteira do leitor

Fazem anos — Hoje, o nosso bom amigo de Moreira de Cónegos, Senhor Adelino Ribeiro de Matos e na quinta-feira o nosso prezado amigo Sr. Henrique Nunes, de Riba d'Ave.

A ambos, os nossos parabéns.—C.

Caldas das Taipas

Secretário Nacional da Informação

Em substituição do Sr. Dr. Eduardo Brasão, foi nomeado Secretário Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, o Sr. Dr. César Henriques Moreira Baptista, ilustre Deputado e Presidente da Câmara Municipal de Sintra.

As Caldas das Taipas devem ao anterior Secretário, Sr. Dr. Eduardo Brasão, atenções especiais e entre elas a da concessão de um subsídio, pelo Fundo de Turismo, para as obras da sede da Junta de Turismo.

O novo Secretário, como Presidente da Câmara de Sintra, realizou uma obra que muito valorizou o Turismo na região. Da sua acção muito há a esperar para o Turismo Nacional, dadas as altas qualidades de inteligência e de acendrado nacionalismo.

A Sua Ex.ª os nossos respeitosos cumprimentos, com votos de muitas prosperidades.

A um leitor de S. Clemente

Um leitor do *Notícias de Guimarães* em São Clemente de Sãnde, pergunta-nos se existe alguma disposição legal que proíba falar junto da sepultura aquando do funeral de qualquer pessoa, isto é, fazer discursos de elogio das pessoas que baixam à sepultura.

— Respondemos-lhe o seguinte: Em toda a parte tem havido discursos ou palavras de saudade proferidas junto das sepulturas, quando morre alguém de mérito ou muito estimado pelas multidões.

Estão neste caso vultos políticos, beneméritos, etc., e até «O Salgueiral», do Porto, depois de um funeral de grande acompanhamento teve quem falasse de si no cemitério onde ficou sepultado.

Dentro da moralidade do nosso conhecido de Braga, a moralidade boa é para todos...

Mas, é bom não esquecer a vontade dos finados.

Há quem antes de morrer faça disposições para que o funeral seja simples, sem convites, sem discursos. E nestes casos a vontade dos mortos deve ser respeitada...

Mas, com a breca, se o finado quer discursos, também se devia respeitar a sua vontade...—C.

Campelos

Visitante

Tivemos o grato prazer de cumprimentar, no passado domingo, o Sr. António Dias Pinto de Castro, director do grande semanário *Notícias de Guimarães* que junto com o embaixador da revista *Mundo* de Lisboa, autoridades, jornalistas e demais convidados, se deslocou à nossa terra, para tomar parte na entrega do enxoval ao «Bebé da Sorte» apadrinhado por aquela revista, como noutro local noticiamos.

Sociedade

— Encontra-se completamente restabelecido o nosso prezado amigo e assinante Sr. Alvaro Cândido de Lemos.

— Fez-tejo o seu aniversário natalício em 6 do corrente a simpática e obsequiosa menina Maria Eugénia Pimenta Rodrigues. Parabéns.—C.

Formação Social A voz dos leitores

Corporativa

(Continuação)

O Presidente referiu também a colaboração que poderá ser prestada pela Direcção Escolar, aliás já sugerida por escrito pelo seu Director Prof. Abílio Fernandes. Aproveitamento da acção dos professores que dirigem cursos de educação de adultos, dos serviços da missão cultural e realização de palestras de formação nos Cursos Anuais de Aperfeiçoamento destinados aos professores. Precisaram-se os meios a lançar mão para cumprimento destas sugestões.

Foram tratados ainda os aspectos da actividade a desenvolver nos Centros de Formação Familiar da Obra das Mães pela Educação Nacional (rurais, urbanos e operários) sobre o que prestou esclarecimentos a Sr.ª D. Teresa Afonso Esquivel, Presidente daquela instituição; nos Centros Sociais das Casas do Povo; nos Centros Extra-Escolares da Mocidade Portuguesa; nos estabelecimentos militares, bem como a acção a exercer através da Imprensa para que se complete a formação social e corporativa de todas as camadas da população. Sobre este último aspecto, além do Sr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa, apresentaram sugestões e propostas os Srs. Padre António Luis Vaz, Manuel Araújo, Dr. Nuno Bettencourt, Dr. Faria Gonçalves e José Moreira.

O Presidente, ao encerrar esta sessão, que demorou cerca de duas horas, propôs que fossem convidados para fazer parte da Comissão os Srs. Dr. Francisco Velloso, Juiz Adjunto do Procurador da República e Presidente da Associação Jurídica, Comandante do Regimento de Infantaria n.º 8, e a Assistente Social Familiar da Junta Central das Casas do Povo, D. Irene Branco de Almeida Marado, tendo a Comissão aceite por unanimidade aquela proposta.

O Sr. Dr. Almeida e Sousa agradeceu o interesse dos membros da Comissão pelos trabalhos realizados, interesse que se podia resumir no amplo debate dos problemas propostos e justificado no tempo por que se prolongou a reunião. Considerando as importantes contribuições dadas pelos representantes dos sectores representados na Comissão, disse, vai ser possível estabelecer-se um programa fecundo e de realização prática efectiva.

Para tanto, e à medida que se for elaborando o que respeita a cada um daqueles sectores, o Sr. Dr. Valentim de Almeida e Sousa estabelecerá contactos pessoais com os seus representantes e promoverá reuniões de dirigentes sindicais em ordem ao estabelecimento da participação que aqueles organismos deverão tomar no cumprimento dos programas.

para que o povo de Guimarães saiba que em S. Torcato já há água

Escreve-nos o nosso amigo Sr. Armindo Ferreira da Cunha, de S. Torcato, e pede-nos para que tornemos público, para que o povo de Guimarães saiba, que em S. Torcato já há água, graças à «dignificante e humana intervenção do Senhor Presidente da Câmara, Dr. José Maria de Castro Ferreira, que com a ajuda de Deus e a Graça de S. Torcato, conseguiu reaver para o seu povo a água que não lhes queriam restituir, tendo que, para isso, lançar mão à lei que nos rege».

«S. Torcato ofereceu mais este grande milagre a juntar a tantos outros, por que sabe bem que o seu povo o adora devotamente, religiosamente, sem hipocrisia. S. Torcato reconhece também que foram os boizinhos da sua freguesia que generosamente transportaram toda essa grande maravilha de granito, trabalhado por mãos de artistas natos e criados em S. Torcato é que deram corpo ao Mosteiro, ainda incompleto. Só isto, por si, chegara para que S. Torcato nunca tivesse recusado a água aos nossos avós que já há mais de cem anos se utilizavam dela para os seus indispensáveis alimentos e necessidades domésticas».

E a concluir a sua carta:

«O povo de S. Torcato, como testemunho de gratidão, pede para que, por meu intermédio, dê público agradecimento a todas as pessoas que directa ou indirectamente se interessaram por este sagrado direito que lhes assiste — o da água — dum modo especial a Sua Ex.ª o Senhor Presidente da Câmara Municipal e ao Director do *Jornal Notícias de Guimarães* que desde o primeiro brado de *Alerta* se pôs ao seu a seu dispor, fiel ao lema que é também apanágio que tanto o enobrecer: defensor dos interesses de Guimarães».

«A todos, pois, num impulsivo desabafo de alma e coração reconhecido, o nosso *Muito Obrigado*».

«Aos outros, que são os indiferentes, que Deus lhes inspire na alma e no coração mais caridade e os cubra das bênçãos de que sejam merecedores».

«São Torcato, 3-2-58. — (a) Armindo Ferreira da Cunha».

Pevidém

Acerca de «Um caso que merece resposta»

Todos aqueles que através deste jornal tomaram conhecimento do que eu, correspondente deste semanário em Pevidém, escrevi num desabafo espontâneo com o título *Um caso que merece resposta*, por certo que nada encontraram que pudesse ferir ou atacar alguém. Apenas pedia uma resposta porque achei incompreensível a atitude que tomaram. Daí o meu espanto! Daí o meu desabafo!

Escondido no pseudónimo de *Sagitário*, um articulista do *Jornal O Conquistador* faz um certo número de considerações aproveitando a ocasião de atacar com palavras fortes e apuzonadas a «péste do catolicismo», a praça de tofulhos, os católicos liberais, etc., etc.

Como não faço parte de *deusá Peste ou Praga* visto ser católico no verdadeiro sentido da palavra, as considerações feitas não me afectam ou molestem e a imprensa para a qual concorro modestamente com a minha correspondência é sobejamente conhecida através das normas de correcção e lealdade adoptadas desde a sua fundação e como prova está a N. da R. no final do artigo do II.º Sr. Padre Manuel Matos feita no número anterior.

Contudo aproveite a oportunidade de educadamente lembrar ao Senhor *Sagitário* que não pensou quando escreveu: «E o ilustre Director deste semanário (do *Conquistador*, não haja confusão) que bem conhece o nosso *fraco*, quando lhe parece que nos dá prazer, espavitando antigas paixões, desafia-nos com um cartãozinho amável e alguns recortes». Este seu período, Sr. *Sagitário*, coloca mal o seu Director que pela posição social que desempenha não pode ter esses predicados aceitáveis em qualquer outro homem, menos nele. Não me parece que ele seja fomentador de

discórdias ou de paixões «mesmo que jornalísticas», o que o Senhor tão claramente dá a conhecer.

O Sr. *Sagitário* foi verdadeiramente infeliz.

O erro é próprio dos homens. Eu, como homem, aceito o meu erro apontado nas colunas deste jornal pelo II.º Sr. Padre Manuel Matos a quem com o devido respeito passo a dirigir-me, pois que como Padre esclarece-me devidamente e com correcção.

Como homem, como católico, passo a retratar-me apenas no ponto em que francamente confesso ter pecado por precipitação. Como já acima disse é próprio dos homens errar. Na realidade o escândalo público partiu de mim quando disse sobre as orações feitas em casa, pois devia-o ter feito de outra forma: mas, a razão foi o sentir-me escandalizado, não o tendo feito com manifesta intenção de dar escândalo. Sim, descontrolei, Sr. Padre Matos, e como me julgo verdadeiramente homem e verdadeiramente fiel aos princípios religiosos, confesso publicamente a minha culpa, porque assim o quer.

Quanto ao art. 330.º dos Direitos do Concílio Plenário Português desconhecia-o em absoluto e daí a razão do meu espanto com o sucedido na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, visto a minha educação religiosa ter sido feita de acordo com o meu procedimento actual.

Assim e em face do art. 330.º foi uma educação religiosa errada que deu origem à minha frase: «Como os homens mudam as coisas mesmo as que são sagradas», mas cuja responsabilidade não me cabe.

Os meus conhecimentos não me dão o direito de entrar em certos assuntos que a bem da religião não devem ser tratados em público, e por assim pensar creio ter um dia a honra de conhecer pessoalmente o II.º Sr. Padre Matos e então V. Rev.ª terá ocasião de apreciar se de facto sou verdadeiramente católico ou não.—C.

Em prol da instrução

Na Fábrica da Cruz de Pedra, de que são sócios os nossos prezados amigos srs. Antero Silva e António Simões, realizou-se, há dias, uma singela mas significativa festa, que consistiu em premiar um aluno do Curso de adultos, Alberto Carneiro, por ter sido o que mais se revelou em aproveitamento, conseguindo habilitar-se para o exame da terceira classe, não obstante não ser obrigado, em virtude da sua idade, a frequentar o referido Curso.

A'quele acto assistiram antigos alunos, verificando-se também a presença do sócio sr. Antero Silva, assim como a da professora sr.ª D. Maria da Natividade Simões e Silva Menezes, tendo esta proferido algumas palavras, através das quais prestou homenagem aos sócios da Empresa pelas facilidades que sempre lhe dispensaram, fazendo também oportunas considerações sobre as medidas governamentais para a extinção do analfabetismo e salientando ainda a acção das Autoridades escolares do Distrito no que se refere à expansão do ensino primário. Terminou por felicitar o portador do prémio, a quem desejou as felicidades de que é digno.

Em nome da Empresa, agradeceu o sr. Antero Silva.

Associação Artística

Conforme temos noticiado, a Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesa comemora hoje o seu 89.º Aniversário, realizando uma sessão solene, às 11 horas, na sua sede, a que presidirá o ilustre Delegado do Instituto Nacional de Trabalho e Previdência, sendo orador oficial o nosso distinto Colaborador, sr. Dr. Hugo de Almeida, que dissertará sobre o tema: «O Mutualismo — alta expressão de Solidariedade».

Há justificado interesse em ouvir o ilustre advogado e publicista.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Para os nossos pobres recebemos:

Transporte	50\$00
Recebemos mais do anónimo S. (a)	20\$00
Dr. C. Gomes dos Santos (b)	20\$00
A transportar	90\$00

(a) Com esta importância contemplámos uma pobre mulher, doente.
(b) Contemplámos um pobre necessitado.

Interesses de S. Torcato

Um numeroso grupo de habitantes da populosa freguesia de S. Torcato, esteve na 5.ª-feira na Câmara Municipal, a manifestar o seu reconhecimento ao ilustre Presidente do Município, pela acção desenvolvida em prol da solução rápida e satisfatória do magno problema da falta de água que se vinha fazendo sentir naquela freguesia.

NOMEAÇÃO

Foi nomeada para os Serviços do Posto Médico das Caixas de Previdência, como enfermeira e parteira, a sr.ª D. Maria Adelaide Machado de Oliveira Fernandes, neta do nosso prezado amigo sr. Tenente Pedro Machado.

EMPRESA TERMAL DAS TAIPAS
(S. A. R. L.)

Capital 300.000\$00

Assembleia Geral

Convocação

Convoco a Assembleia Geral, ordinária, a realizar na Sede da Empresa Termal, no dia 1 de Março, próximo, pelas 15 horas, com a seguinte

ORDEM DO DIA:

Discutir e votar o Relatório e contas da Gerência do ano de 1957 e o Parecer do Conselho Fiscal.

Sede da Empresa, 8 de Fevereiro de 1958.

O Presidente da Assembleia Geral, 81

Dr. Francisco Pereira de Carvalho Ribeiro.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia do Laboratório Hórus, ao Largo do Toural, Telef. 4529.

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Tenente-Coronel Armando Nery Teixeira — *Faz hoje anos o sr. Tenente-Coronel Armando Nery Teixeira, antigo Governador Civil do Distrito, a quem «Notícias de Guimarães» apresenta respetivos cumprimentos com os desejos de suas melhoras.*

Comendador Albano de Sousa Guise — *Faz anos amanhã, dia 10, o nosso querido conterrâneo e amigo sr. Comendador Albano de Sousa Guise, prestigioso*



membro da colónia portuguesa no Brasil e grande benemérito, a quem muito devem em dedicação algumas das principais instituições beneficentes de Guimarães.

Nesta passagem do seu aniversário natalício enviamos-lhe o nosso abraço e as saudações mais afectuosas, fazendo sinceros votos pela continuação de sua preciosa saúde e prosperidades.

Prof. Abel Cardoso — *Também faz anos no dia 10, o nosso ilustre conterrâneo e amigo sr. Prof. Abel Cardoso, distinto Artista, a quem, por tal motivo, também e afectuosamente abraçamos, felicitando-o.*

Fizeram e fazem anos:

No dia 5, o nosso bom amigo sr. José Firmino de Faria; no dia 11, os nossos prezados amigos srs. Alberto Pimenta Machado Júnior, activo gerente da Fábrica de Tecidos de Vila Pouca e José Manuel da Veiga Castro Ferreira; no mesmo dia as meninas Maria Aurélia, filha do nosso bom amigo sr. Mário Gomes Alves, e Rosa Maria de Lemos Fernandes, filha do nosso amigo sr. Ernesto da Silva Fernandes, residente no Rio de Janeiro; no dia 12, a sr.ª D. Elvira dos Anjos Freitas Oliveira Bastos, esposa do nosso amigo sr. Abel Oliveira Bastos; os nossos prezados amigos srs. Simão Neves, ausente no Rio de Janeiro e Amadeu Guimarães, e a menina Maria da Glória Belino Pereira Mendes Oliveira, filha da sr.ª D. Ana da Glória Belino Pereira Mendes Oliveira; no dia 13, a sr.ª D. Balbina de Sá Alpoim, ausente na cidade da Beira, filha do nosso prezado amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva Menezes, D. Alda Julieta Fernandes, filha do nosso bom amigo sr. Manuel Joaquim Fernandes, e D. Amélia Machado; no dia 14, o nosso amigo sr. Alberto Pimenta e o menino Carlos Alberto Ribeiro Carneiro, filho da sr.ª D. Maria Aurora Soares Ribeiro Carneiro e do sr. Abílio Alfredo de Almeida Carneiro e a sr.ª D. Maria Isabel de Castro Garcia Martinho, das Taipas; no dia 15, os nossos prezados amigos srs. José Faria Martins e Alberto de Sousa e a sr.ª D. Maria Amélia da Silva; no dia 16, a sr.ª D. Maria da Natividade Simões de Sousa Menezes, esposa do nosso prezado amigo sr. Mário de Sousa Menezes; a menina Maria José Aguiar de Moura Neves, filha da sr.ª D. Alda Pinto Aguiar Moura Neves e do sr. António da Assunção Neves e o nosso prezado amigo sr. Augusto Araújo.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Regresso de Africa

Vindo de S. Tomé, de visita a sua família, chegou ontem a esta cidade o nosso conterrâneo e amigo sr. Paulo Tiago Monteiro Dias de Castro.

Para Africa

Parte dentro de breves dias, para a Cidade da Beira (Africa Oriental Portuguesa), onde vai dedicar-se à vida comercial, o nosso prezado

amigo e conterrâneo sr. Asdrúbal José Rodrigues Dias Pereira, que parte hoje para Lisboa, acompanhado por seu pai o nosso bom amigo sr. Anibal Dias Pereira e que teve a gentileza de nos apresentar os seus cumprimentos de despedida.

Desejamos-lhe feliz viagem e muitas prosperidades.

De visita

Deram-nos o grato prazer de sua visita os nossos queridos amigos srs. P.º Dr. Francisco de Melo, de S. Pedro da Raimonda; Manuel Ribeiro e José Rodrigues, solícitos correspondentes de Guardizela e Campelos; Carlos Alberto da Silva, residente em Vila do Conde e A. L. de Carvalho, nosso distinto Colaborador.

— Esteve há dias nesta cidade o nosso prezado amigo sr. José Joaquim Gonçalves de Oliveira, comerciante no Porto, a quem tivemos o gosto de abraçar.

Actor Carlos Frias

Teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos o nosso velho amigo actor sr. Carlos Frias, da simpática Companhia Rafael de Oliveira.

De Lisboa

Regressaram de Lisboa os nossos prezados amigos srs. Almirante António Garcia de Sousa Ventura, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, P.º Avelino Pinheiro Borda, P.º José Carlos Simões, Casimiro Martins Fernandes e António Vaz Vieira.

Movimento Familiar

Tem estado em Lisboa, os nossos prezados amigos srs. António Faria Martins e José Machado Vaz.

— Também esteve em Lisboa o nosso bom amigo sr. Dr. Mário Dias de Castro.

— Também estiveram em Lisboa os nossos prezados amigos srs. Dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira e dr. Augusto Monteiro Dias de Castro.

Enfermos

Têm passado doente o nosso prezado amigo e conceituado comerciante em Pevideim, sr. Francisco da Silva Martinho.

— Tem passado incomodado o nosso prezado amigo sr. Domingos Mendes Fernandes.

— Em vias de franco restabelecimento regressou do Porto, onde esteve em tratamento, o nosso prezado amigo sr. Vasco de Freitas Oliveira Basto.

— Continuam doentes os nossos bons amigos srs. António Lage Jordão e António Cayres Pinto de Madureira.

— Tem passado doente a sr.ª D. Emília Cândida de Matos Laranjeiro, esposa do nosso prezado amigo sr. Camilo Laranjeiro dos Reis.

— A fim de ser submetido a uma intervenção cirúrgica, recolheu, no dia 6, ao Hospital da Misericórdia de Vizela, o nosso amigo sr. Arnaldo Henrique Couto e Costa, funcionário dos Serviços Municipalizados.

— Tem estado doente o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. dr. Alberto Ribeiro de Faria.

— Têm passado doentinhas as meninas Maria João e Maria José, filhinas do nosso bom amigo sr. João de Almeida Garcia e de sua esposa.

Desejamos breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Aniversário



Um grupo de devotados amigos do sr. Manuel Martins Ribeiro da Silva, aproveitando a passagem do seu aniversário natalício, que hoje ocorre, endereça-lhe as mais efusivas saudações e faz votos pela sua felicidade.

Guimarães, 9/2/58.

Falec. e Sufrágios

Eng.º Alberto Marques da Fonseca

No Porto e na sua residência, à Rua Ciríaco Cardoso, faleceu inesperadamente, o sr. Eng.º Alberto

Marques da Fonseca, casado com a sr.ª Dr.ª D. Angélica Pizarro de Almeida da Fonseca, genro da sr.ª D. Angélica Pizarro de Almeida e do nosso saudoso amigo sr. Dr. Eduardo de Almeida, e cunhado dos srs. Dr. Fernando Pizarro de Almeida e Eduardo Pizarro de Almeida, tendo sido a sua morte muito sentida naquela cidade, onde o extinto gosava de muita simpatia.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se na pretérita 2.ª-feira, às 11 horas, no Cemitério de Agramonte, daquela cidade.

A' família dorida apresentamos condolências.

Cândido Ribeiro Capela

Caldas das Taipas, 6 — Na casa da sua residência, à rua de Nossa Senhora de Fátima, desta vila, faleceu ontem, pelas 9 horas, o sr.



Cândido Ribeiro Capela, que durante muitos anos exerceu os cargos de correspondente do «Notícias de Guimarães», «Primeiro de Janeiro» e «Comércio do Porto».

Há já alguns anos que, por motivo de doença, tinha abandonado toda a actividade, vivendo recolhido em sua casa, rodeado do carinho de suas extremas filhas. O seu funeral, hoje realizado, constituiu uma verdadeira manifestação de pesar, tendo-se incorporado no préstito as pessoas mais representativas da localidade.

O saudoso extinto, viúvo, era pai dos srs. Lourenço, António e José Braga Ribeiro Capela, a quem apresentamos sentidas condolências, bem como à restante família. — C.

N. R. — Sentindo a morte do antigo correspondente e amigo, sr. Cândido Ribeiro Capela, apresentamos à família dorida as nossas condolências.

Irmã Felicidade dos Anjos Carvalho

No Colégio de N. S.ª da Conceição, a cargo da Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos, onde prestava serviço como encarregada do Asilo dos Inválidos, finou-se há dias, com 83 anos de idade, a Irmã Felicidade dos Anjos Carvalho, antiga directora do mesmo Asilo, que era tia do nosso prezado amigo sr. Luís Gonzaga F. de Carvalho, conceituado comerciante local.

A extinta era possuidora de acrisoladas virtudes.

O seu funeral, que esteve bastante concorrido, efectuou-se na 3.ª-feira passada, para o cemitério Municipal, após a Missa de corpo presente, que foi rezada na Igreja dos Santos Passos, com a assistência de várias pessoas, entre as quais a Mesa da Irmandade dos Santos Passos, Irmãs Religiosas, Colégio de N. S.ª da Conceição e dos internados do Asilo.

A' família enlutada, especialmente ao nosso bom amigo sr. Luís Gonzaga F. Carvalho, apresentamos sentidas condolências.

Vida Católica

Nossa Senhora de Lourdes

Em comemoração do Centenário das Aparições de Nossa Senhora em Lourdes, está a decorrer desde segunda-feira passada, na Igreja de Nossa Senhora da Oliveira, uma novena em honra da formosa imagem que ali se venera, a qual se tem realizado todos os dias, com grande concorrência de fiéis, às 7 e 8 horas.

Além de outros actos de culto haverá, na noite do dia 11, uma luzida procissão de velas com o andar de N. S. de Lourdes, que sairá da Igreja Paroquial pelas 20,30, percorrendo o seguinte itinerário: Rua da Rainha, Largo do Toural, Largo 28 de Maio, Rua de S. Dâmaso, terminando, no Largo da Oliveira, com uma apoteose a Nossa Senhora.

Na Penha também haverá no dia 16, pelas 11 horas, a Santa Missa na gruta de Nossa Senhora, com a assistência de todas as congregações Marianas do concelho, bem como dos organismos da Acção Católica.

Nossa Senhora das Dores

Principiou na passada 6.ª-feira, no templo da V. O. T. de S. Fran-

?
Mais uma semana:
Só até 15 do corrente
FEIRA ANUAL DE CALÇADO
NA
LUSO
A SAPATARIA, cujo sortido e preços são a garantia de BEM SERVIR.

(77)

Se vai ao Porto, visite a
CASA ILDE
Rua da Trindade, 35-37-39
(entre a Câmara e a Estação da Trindade)
Telef. 29064 PORTO
Aonde encontrará um Mundo de artigos que esta casa fabrica e vende ao público a preços sem concorrência: Adornos e utilidades para o Lar, lindos brindes, vestuário para homem, senhora e bebé.
Aparelhos de rádio e televisão.

(75)

cisco, o Septenário de N. S. das Dores, o qual se realiza durante o Lausperene, cuja festividade se realizará, com todo o esplendor, no dia 28 de Março próximo.

Teatro Jordão
APRESENTA
— **ODIE, N'º 15 E N'º 21, 30 HORAS** —
Gary Cooper
em
Sublime tentação
Technicolor
Palma de Ouro de Cannes em 1957
(Espectáculo para maiores de 12 anos)

TORÇA-PEIRA, 11 -- N'º 21, 30 HORAS
Pedro Infante — Emília Gilu
em
UM ANJO NEGRO
Um filme diferente arrancado à vida real
(Espectáculo para maiores de 12 anos)

QUINTA-FEIRA, 13 -- N'º 21, 30 HORAS
Arturo de Cordoba — Libertad Lamarque
em
BODAS DE OURO
(Espectáculo para maiores de 17 anos)

SÁBADO, 15 -- N'º 21, 30 HORAS
Hugh O'Brien — Adelle Jergens
em
Bombeiros Malucos
O mais desavairado espectáculo de todos os tempos
86 (Espectáculo para maiores de 12 anos)

Notícias de Guimarães n.º 1958-9-2-1958

COMARCA DE GUIMARAES
Secretaria Judicial
Éditos de vinte dias
1.ª publicação

Faz-se saber que nos autos de execução de sentença movidos por Arnaldo Alberto Trancoso Poças Falção, desta cidade, contra os executados D. Maria da Conceição Teixeira Aguiar Freitas, viúva, proprietária, e António Alberto Teixeira de Freitas, solteiro, maior, comerciante, ambos residentes no Largo do Cons. João Franco, desta cidade, correm éditos de vinte dias, contados da segunda publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos pela forma preceituada no art.º 865.º do Cód. Proc. Civil.

Guimarães, 3 de Fevereiro de 1958.

Verifiquei.
O Juz. do 1.º Juzo,
Carlos Maria Afonso de Castro. (85)
O chefe da 1.ª secção,
António da Costa Júnior.

MUNDO
Director — GENTIL MARQUES
A melhor revista portuguesa de actualidade
Pedidos à Redacção
Rua da Rosa, 252-1.º — Tel. 39345
LISBOA (90)

ANDAR MOBILADO
Precisa-se, em bom local e que tenha 3 quartos, casa de banho, cozinha, etc., para casal com filhos.
Prestam-se informações e recebem-se propostas na nossa Redacção. (71)

Teatro Desmontável

A companhia Rafel de Oliveira, artistas associados, subsidiada pela F. N. de Teatro, apresenta em estreia, hoje às 21.15, a célebre peça de dr. Alberto Morais e Mário Duarte

DUAS CAUSAS

Com brilhante desempenho de — **Lizete Frias e Eduardo Matos.**
Segunda-feira, 10
A famosa peça em 3 actos, original português de — **Fernando Santos, Almeida Amaral e Leitão de Barros**

PRÉMIO NOBEL

Quarta-feira, 12
A sensacional peça de **Dário Nicodemé**
O GRANDE AMOR
Magistral desempenho da atriz **Lizete Frias.** 91

Leia o n.º 30 da Revista «MUNDO»
uma sensacional reportagem — **A TERRA DOS HOMENS NUS** —

Através de uma entrevista com **D. MANUEL GARCIA VIÑOLAS,** que foi amigo directo do **MARECHAL RONDON** o Patriarca das Inúas Brasileiras.

E ainda neste número também, mais os seguintes assuntos de grande importância:

- **O Regresso de Palmira Bastos;**
- **Os Mistérios do Mundo Invisível, (3.ª parte);**
- **O 4.º Centenário da República dos Incas, em Coimbra;**
- **Carta de Paris, (em rigoroso exclusivo);**
- **O Mistério de Berlinda LEE, a artista que se quis matar por amor...;**
- **O Rally de Monte Carlo;**
- **A Minha Aventura em Portugal, pela artista brasileira Irene de Macedo, (grande exclusivo de «Mundo»;**
- **Política Internacional, pelo famoso cronista Drew Pearson, (outro exclusivo de «Mundo»;**
- **Uma Visita ao Bairro do Restelo.**

Enovas revelações sobre o maior e mais útil concurso dos últimos tempos.

O Grande Concurso das Férias
com férias de graça para todos.

DESPORTO

Do último Relatório do Vitória...

O sempre desejado ESTÁDIO MUNICIPAL

Como, das mais diversas formas, aqui sempre temos pugnado pela necessidade da realização da obra primária para o progresso do Desporto vimaranense, a construção do Estádio Municipal, transcrevemos do último Relatório do Vitória aquilo que, sobre este assunto, nele se diz:

«O outro dos anseios que sempre foi nossa preocupação — e que o é também de todos aqueles que se interessam pela vida do Vitória — sempre nos mereceu a maior das atenções — trata-se da construção do futuro Estádio Municipal.

Muitas vezes nos avistámos com o Ex.^{mo} Presidente do Município, o nosso querido Sócio Honorário, Dr. José Maria de Castro Ferreira, e sempre dessas conversas ficamos com a certeza de que o Estádio será, num futuro breve, uma realidade. Vimo-lo aos poucos desenhar-se no primeiro movimento de terras levado a efeito para a sua construção e sabemos que o seu Projecto definitivo está quase pronto, de modo a dar-nos a garantia de que a obra será um facto. Quem sabe do interesse que a Câmara Municipal vota a este assunto, pode tranquilizar-se com a certeza de que tal realização não há-de fazer-se demorar, dando ao Vitória aquela garantia de vida sossegada, progressiva e auspiciosa que o seu passado bem justifica.

No momento em que descrevemos as nossas actividades de um ano de Gerência, reconhecer neste nosso Relatório o interesse do Município pela obra fundamental para a nossa vida futura, é um acto de justiça que registamos conscientes de cumprirmos um grato dever.»

A Maratona do Futebol Nacional

Vitória, 6 — Vila Real, 0

O «primeiríssimo» Vitória voltou a alcançar a vantagem de seis pontos sobre os segundos da Zona Norte

A Maratona continua a caminho do fim da sua fase preliminar e os resultados considerados surpresas continuam também a repetir-se. Mas, presentemente, a sua influência para a classificação dos clubes para a fase final, já pouco interesse tem, ficando somente ligada aos lugares que levam à despromoção. Mas registemos os resultados desta jornada:

Vitória, 6-Vila Real, 0; Vianense, 0-Leixões, 3; Tirsense, 3-Gil Vicente, 1; Peniche, 0-Sanjoanense, 4; Leões, 1-Marinhense, 1; Chaves, 2-Covilhã, 0, e Boavista, 2-Espinho, 1.

A derrota do Covilhã em Chaves deu novamente a vantagem de seis pontos ao Vitória, sobre o segundo classificado. Este, pelo menos até ao jogo de hoje, é em teoria o Boavista. Como já dissemos aparentemente-nos como definitivamente arrumada a classificação, quanto aos primeiros, na Zona Norte. O Vitória deve ser o triunfador brilhante da Zona, e o Boavista e o Covilhã distribuirão entre si os méritos relativos ao segundo e terceiro lugar.

A vantagem que o Vitória presentemente usufrui é, na realidade, de óptimas consequências para o futuro. A equipa vimaranense encontra-se num período de tranquilidade, em que a preparação é doseada de maneira a entrar-se na fase de apuramento definitivo em pleno apuro de forma.

Esta circunstância é deveras acalentadora, prometendo o alcance daquilo que é total anseio dos amigos do Clube — o regresso à Divisão Maior.

O encontro de domingo passado foi agradável. O Vitória jogou talvez um pouco pausadamente, mas isso, se tirou qualquer emotividade ao jogo, possibilitou, por outro lado, o recorte técnico de certas jogadas com pormenores de alta valia.

O encontro não teve dificuldades de maior a resolver pela equipa vimaranense. Inicialmente o *ferrolho* do nosso visitante impossibilitou a concretização rápida do resultado. Foi talvez até, neste período inicial, que a manobra do Vitória atingiu mais alto nível. Mas, como no box, somente serviu para causar o adversário, vindo depois, já durante o decorrer do segundo tempo, a concretização da superioridade, realizada em golos.

Por tudo isto o encontro pouco tem que contar. É de evidenciar porém duas jogadas de que resultaram dois golos, em troca sucessiva de passes entre Bártolo e Romeu. Uma, deu gozo por parte do primeiro, e outra, um outro por intermédio do segundo. Mas foram tão iguais e tão belas no seu desenvolvimento e concretização, que têm mérito totalmente igual.

Merece ainda referência a forma correcta como decorreu a partida. Temos também de evidenciar as exhibições de Daniel e de Barros, pelo destaque pessoal evidenciado.

Ficha do jogo — Vitória: Sebastião, Virgílio e Daniel; Barros, Silveira e João da Costa; Bártolo, Romeu, Ernesto, Cívico e Rola. Vila Real: António José, Platas e Helder; Passos, Barreira e Biblino; Quim, Abílio, Velez, Avelino e Castanheira. Arbitragem de Jovino Pinto, do Porto.

Os golos foram da autoria de Ernesto, Barros, Romeu, Rola e Bártolo, tendo completado a conta dos seis, Avelino, na sua própria balisa.

A jornada de hoje engloba os seguintes encontros: Leixões-Vitória; Espinho-Vianense; Vila Real-Tirsense; Gil Vicente-Peniche; Sanjoanense-Leões; Marinhense-Chaves, e Covilhã-Boavista. O jogo de Leixões tem o seu interesse como espectáculo desportivo, pois quanto ao aspecto relativo a classificações definitivas da Prova, o seu valor já é supérfluo. Porém a evidência do Vitória neste campeonato, obriga a interessar-se por todos os jogos, até ao final desta fase preliminar e, por isso, esperamos de todos os seus jogadores o esforço habitual e da parte dos seus adeptos o apoio eficiente de sempre.

L. R.

Conversando com Ele...

«Descontraída» como está a jogar a equipa que orienta, Fernando Vaz teve conosco a sua habitual conversa, que publicamos, como de costume, pelo interesse que desperta aos nossos leitores.

—? — A equipa do Vitória não teve necessidade de se aplicar a fundo para vencer folgadamente a turma de Vila Real, na partida de domingo passado.

Foi evidente o nosso predomínio técnico na primeira meia hora de jogo, mas, através os noventa minutos do encontro, exercemos, sempre, vincada superioridade, quer na organização, quer na feitura e ordenação de jogo.

A faceta mais simpática e digna de referência consistiu na preocupação dos nossos correctos adversários em produzirem futebol de boa qualidade, pormenor merecedor dos maiores encómios, por ser raro nas equipas que nos têm visitado.

De facto, apesar de utilizarem o sistema do «ferrolho», os transmontanos jamais deixaram de pensar na boa feitura dos lances, mormente sempre que Avelino, Castanheira, Velez e Bibelino tomavam posse da bola.

Essa preocupação, aliada ao desportivismo e correcção dos jogadores adversários, propiciaram uma jornada agradável, repleta de pormenores de jogo de boa execução técnica.

—? — A nossa equipa actuou sem pressas, ora rápida, ora repousadamente, mas sempre descontraindo, solta, consciente, e plena de personalidade, como o permitia a posição que ocupa de «leader» da prova. Toda a defesa realizou excelente trabalho. Na linha média, Armando

Barros e João da Costa forjaram muitos lances de corte impecável, em que aflorou a evidência toda a gama de recursos técnicos que possuem. O nosso ataque — o melhor da prova — não teve necessidade de grandes rasgos para concretizar a nossa superioridade global, limitando-se a exibição de repouso, em que a intencionalidade do jogo prejudicou, por vezes, a objectividade da sua missão realizadora.

Mesmo assim, todos merecem uma referência, pelo muito que fizeram nos momentos decisivos da partida.

—? — No final do encontro, ouvimos de pessoa amiga, porventura um dos mais ferrenhos e indefectíveis amigos do Vitória, o comentário aparentemente certo de que se os nossos dois interiores tivessem tido maior aplicação, o resultado da partida assumiria outras proporções.

Na verdade, em teoria, o acerto da dedução parece lógico e inatacável, mas a realidade é bem diferente.

Os nossos dois excelentes interiores, que são Romeu e Mário Cívico, jogaram por imposição nossa.

Sabíamos que o momento de forma de ambos não era o melhor, mas confiávamos no seu valor indelével, já que a honestidade profissional de ambos nos garantia o acerto e a oportunidade da nossa decisão em os incluir na equipa.

E não há dúvidas quanto ao mérito técnico das suas actuações.

O jogo servia de treino e de ponto de partida para a valorização e o apuro de forma que Mário Cívico e Romeu há-de atingir num futuro próximo.

—? — Nutrimos por estes dois elementos a maior admiração e respeito, dada a sua linha de conduta e o brio profissional de que ambos têm posto na luta, sem uma renúncia ou limitação, ao serviço do Vitória.

A forma e os processos de jogo que utilizaram no domingo, frente ao Vila Real, são da nossa inteira responsabilidade. A ambos pedimos que jogassem como jogaram, e ambos jogaram mais e melhor do que esperávamos.

Devemos-lhes este elogio, pelo que excederam no que lhes exigimos.

O tempo nos dirá do valor e da capacidade que reconhecemos nos dois excelentes interiores do Vitória, cujo carácter de homens e de atletas tão bem conhecemos, admiramos e respeitamos.

CAMPEONATO DE JUNIORES

A jornada de domingo passado para o Campeonato de Juniores foi cheia de surpresas. Eis os seus resultados: Vitória, 0-Famalicão, 3; Vizela, 2-F. C. Fafe, 1; Vianense, 3-Braga, 1, e Sport. Fafe, 4-D. F. de Holanda, 3.

Se a derrota do Vitória se pode explicar pela ausência dos seus jogadores de maior valia, resultante dos castigos que lhes foram aplicados em virtude dos seus comportamentos reprováveis no jogo da jornada anterior, os resultados negativos do D. F. Holanda e do Braga, têm que ser vistos como absolutamente imprevisíveis.

Principalmente a derrota dos escolares em Fafe é de impressionar, pois lhes deve ter tirado definitivamente a possibilidade de alcançar um título, que lhes chegou a estar quase na mão. Foi pena, e pena maior ainda pela circunstância especial que tudo originou, não ser propriamente resultante da luta leal do desporto.

O torneio termina hoje com os jogos seguintes: F. C. Fafe-Vitória; Braga-Vizela; D. F. Holanda-Vianense, e Famalicão-Sport de Fafe. Encontros às 10 horas da manhã, nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Assembleias Gerais do Vitória

Na passada segunda-feira realizou-se uma Assembleia Geral Extraordinária do Vitória, para apreciar uma proposta da Direcção do Clube de alteração dos seus Estatutos. Presidiu o Sr. Dr. Jorge da Costa Antunes, secretariado pelos Srs. Angelo Madureira e Egidio Pinheiro. Em nome da Direcção a proposta referida foi apresentada pelo Sr. Dr. Brochado Teixeira e consistia na modificação do elenco da Direcção de oito para dez membros, criando-se os lugares de mais dois Vice-Presidentes,

além do já existente. A proposta apresentada foi aprovada por unanimidade pela Assembleia.

Em seguida, foi dada continuidade à Assembleia Geral Extraordinária, adiada no passado dia 20 de Janeiro, tendo ficado resolvido aguardar sancionamento superior da alteração dos Estatutos, para depois se proceder à eleição dos Corpos Gerentes para 1958. Assim, este acto, realizar-se-á logo que aquela disposição legal seja sancionada.

Columbófilia

Retardado na Redacção

Mais uma Campanha desportiva se vai iniciar. A Direcção e o Conselho Técnico apresentam a excellentíssima mesa associativa da Sociedade Columbófila de Guimarães as suas mais cordiais saudações e formula os mais ardentes votos de uma feliz Campanha.

Confiamos no entusiasmo de todos os nossos consócios, para que seja coroada de excepcional êxito a presente Campanha. Apelamos para que todos compreendam os esforços que os elementos directivos da Sociedade estão fazendo e facilitem ao máximo a sua missão, cumprindo com todas as instruções dadas, e principalmente ajudando e colaborando connosco, tornando assim maior a nossa Sociedade.

Calendário Desportivo da Campanha-1958

Fevereiro, 2, Alto do Relógio, treino; idem, 9, Penafiel, treino; idem, 16, Santo Tirso, treino; idem, 23, Espinho, treino; Março, 2, Aveiro, treino; idem, 9, Coimbra B, concurso; idem, 16, Albergaria dos Doze, concurso; idem, 23, Santarém, concurso; idem, 30, Setúbal, concurso; Abril, 6, Descanço-Páscoa; idem, 13, Vila Franca de Xira, concurso; idem, 20, Lisboa, concurso de competição distrital; idem, 27, Beja, concurso; Maio, 4, Pombal, concurso; idem, 11, Faro, concurso de competição distrital; idem, 18, Entroncamento, concurso; idem, 25, Funcheira, concurso; Junho, 1, Leiria, concurso; idem, 8, Tunes, concurso de competição distrital; idem, 15, Tua, treino; idem, 22, Barca d'Alva, concurso; idem, 29, Descanço; Julho, 5, Valência, concurso de competição nacional. Para os três primeiros treinos a entrega dos pombos é feita no próprio dia, das 9 às 10 horas.

Caixa de Previdência do Ministério da Educação Nacional

ÉDITOS

Tendo Alfredo Joaquim Soares Barbosa, viúvo, cobrador de segunda classe dos Serviços Municipalizados, Água e Saneamento da Câmara Municipal do Porto, aposentado, morador na Rua Francisco Agra, da cidade de Guimarães, deduzido perante esta Caixa a respectiva habilitação ao subsídio constituído por sua Esposa, Filomena de Jesus Capela, associada n.º 14.994, que exerceu o cargo de Mestra Efectiva de Trabalhos Manuais, na Escola Industrial e Comercial de Guimarães, correm éditos de trinta dias, a contar da publicação deste anúncio, no Diário do Governo, citando outros herdeiros que, porventura existam, a deduzirem a sua habilitação dentro daquele prazo, a fim de, apreciados os direitos invocados, se decidir sobre o pagamento do respectivo subsídio.

Caixa de Previdência, em 10 de Janeiro de 1958.

O Administrador-Delegado,
Dr. Joaquim José Gomes Belo. (29)

FIBRA ARTIFICIAL



Agentes-Depositários

WANDSCHNEIDER & C.ª, L.ª
R. Cândido dos Reis, 74-2.

Est. 17 Comp. 21 404 PORTO

ÓPTICA MÉDICA



Aros em doublé (ouro) e celuloide. Lentes brancas, de cor e bifocais. Oculos de sol e vidros. Termómetros, Lupas, Conta-fios.

AGÊNCIA OFICIAL DAS LENTES ZEISS. Exclusivo da venda dos aros e lente BAUSCH & LOMB (ORTHOREX e RAY-BAN) RIGOROSO AVIAMENTO DE TODO O RECEITUÁRIO MÉDICO
Óptica de Guimarães 467
Telefone, 4552 Rua de Santo António, 80

EXPLICAÇÕES PARA O CURSO LICEAL

A Meninas e Rapazes

Dá Senhora com o 2.º ano de Medicina:

- 1.º e 2.º Ciclos — Todas as disciplinas;
- 3.º Ciclo — Matemática, Ciências Naturais e Ciências Físico-Químicas.

AV. CÓNEGO GASPAR ESTAÇO, CASA R — 1.º ESQ.º
GUIMARAES

Bobinagens de Motores Eléctricos

Monofásicos e trifásicos, por electricista mecânico especializado, utilizando novos métodos, com absoluta garantia, a preços módicos.

REPARAÇÃO DE DISJUNTORES AUTOMÁTICOS
J. MONTENEGRO Tel. 4510 GUIMARAES (629)

Ofertas e Procuraas

50.000\$00 Empréstam-se, sobre hipoteca. Informa nesta redacção. 61

Casas Em Urgeses, alugam-se à beira da estrada. Falar na Cervejaria Martins — Largo do Toural. 62

Adélia de Sena Parteira diplomada. — Travessa da Avenida Conde de Margaride — Guimarães. 73

Explicações De Matemática, dá licenciado em matemáticas, com longa prática, a todos os ciclos do Liceu e aptidão às Universidades. De Inglês e Alemão, dá licenciada em Germânicas. Informa-se na Rua de S. Damáso, 51. 24

Quarto ou sala Pequena, preferência entrada independente, precisa-se. Carta a este jornal. 74

Vende-se Prédio de 3 andares na Avenida de D. Afonso Henriques. Informa esta redacção. 84

Bodinadeira Vende-se, para bobines cilíndricas e cónicas, 20 cabeças, nova, com motor e parábolas. Mostra p. f. o sr. Mário Emilio Almeida — Creixomil — Guimarães. 86

Casa com Jardim e horta Vende-se ou aluga-se, com frente para a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra e Rua Abade de Tagilde. Tratar com João Ribeiro Dias Júnior — Rua da Rainha D. Maria II, 132. 88

CAIXOTES VAZIOS VENDE Pedro da Silva Freitas — Rua S. António, 13 — Guimarães. 82

Quinta Vende-se na freguesia de Atães, deste concelho, a quinta denominada CANCELA, paga de renda seis carros de medidas aproximadamente. Nesta redacção se diz. 87

Menina Que saiba redigir, escrever à máquina e possa dispor de duas horas diárias, precisa-se. Falar nesta redacção. 76

Aluga-se Rés-do-chão com 4 divisões no campo Salvador, Cano de Joma n.º 34. Nesta redacção se informa. 79

Assinal o Notícias de Guimarães

Notícias de Guimarães n.º 1363-9-2-1958

COMARCA DE GUIMARAES

Secretaria Judicial

Éditos de 20 dias

2.ª publicação

Nos autos de execução sumária (hipotecária) que José Miranda da Costa Pacheco, desta cidade, move contra os executados Manuel Lopes Sona e mulher Francisca Falé, ele sapateiro e ela doméstica, residentes na vila de Reguengos de Monsaraz, correm éditos de vinte dias, contados da 2.ª publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos para no prazo de dez dias, findo o dos éditos, deduzirem os seus direitos pela forma preceituada no art.º 865.º do Cód. Proc. Civil. Guimarães, 27 de Janeiro de 1958.

Verifiquei:
O Juiz de Direito do 1.º Juízo,

Carlos Maria Afonso de Castro.

O chefe da 1.ª secção, (67)

António da Costa Júnior.

Rádios, de diversas marcas

Gira-discos, Discos, Ferros, Aquecedores, Candeiros e todo o material eléctrico.

Grandes facilidades de pagamento.

Oficina de reparações.

Almeida & Marquês, L.ª
RUA DA RAINHA, 38-40

20.000 pés de Oliveira

Tem para venda, em viveiro, prontas a transplantar, a Quinta da Quintão, em Negrelas, (telefone n.º 27) de Alberto Pimenta Machado.

Ali se prestam indicações, vendendo-se qualquer quantidade.

Mário Ferreira

ADVOGADO
Rua Dr. Avelino Germano 98-1.º E.
671 GUIMARAES